PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, consegue permanecer no caminho da transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.

ÍNDICE:

2 PARA ONDE VAMOS?

7 A FÉ DOS ROSA-CRUZES

13 A VERDADEIRA EVOLUÇÃO

19 CÍRCULO E ELIPSE

22 NOVAS ATIVIDADES NO CANADÁ, ALEMANHA, FRANÇA, ITÁLIA, HOLANDA, AMÉRICA DO NORTE E DO SUL E RÚSSIA

30 O PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE DUAS RETAS

32 O DESLOCAMENTO DOS PÓLOS E O REINÍCIO

34 COMPOSITORES EM BUSCA DA VERDADE

1998
ANO VINTE
NÚMERO 1

© Stichting Rozekruis Pers. Reprodução proibida sem autorização prévia.

PARA ONDE VAMOS?

Quem nunca se perguntou para onde vai este mundo não leva a vida a sério. Esta é uma pergunta que se faz cada vez mais, principalmente em nossa época, não somente em relação ao que diz respeito a nossa vida particular, mas também à de toda a terra e da humanidade.

O homem moderno sempre está enfrentando muitos problemas complicados: será que vou conseguir manter meu emprego? Devo sacrificar minha alma e minha salvação para conservar minha situação? Até que ponto será preciso que eu participe desta corrida por uma colocação melhor? O que significa a minha carreira para minha família, para mim mesmo e para meu desenvolvimento espiritual? São problemas de todo o mundo, mas que têm muito mais importância para um aluno da Escola Espiritual. Afinal, onde está o limite? E, no plano pessoal, há ainda muitos outros problemas deste tipo: como considerar a relação entre homem e mulher? Do ponto de vista de um e do outro? Do ponto de vista dos filhos? Será que na Escola Espiritual há outras normas diferentes das usuais e que foram mudando tanto, durante estes últimos anos? Qual é meu posicionamento diante das relações entre pessoas do mesmo sexo? Como resolver os problemas que dizem respeito a minha saúde, a meu regime alimentar: com medicamentos manipulados ou não? Como considerar as doenças e seus tratamentos, os exames médicos, as técnicas médicas incompreensíveis para os profanos, as eventuais intervenções cirúrgicas e os métodos de anestesia correspondentes, os diversos medicamentos e terapias? Para onde vai o mundo com seus problemas de fonte de energia, suas previsões em matéria de alimentação, sua explosão demográfica, ou até mesmo sua diminuição de população? O que fazer com relação à poluição do ar, da terra e da água? E a poluição das regiões sutis que envolvem a terra? E, finalmente, quem vai julgar se eu fiz a escolha certa?

DEVO SER AMOROSO SÓ UM DIA POR ANO?

O final do ano e o começo do ano novo são momentos em que nos inquietamos mais por questões como estas. É claro que seria bem melhor se perdoássemos uns aos outros todos os dias do ano, mas parece que isto só é possível no Natal e no Ano Novo! De repente, no dia 1º de janeiro, nós nos lembramos que temos vizinhos, uma família e pessoas a quem queremos bem, e lhes oferecemos nossos melhores votos. Apesar de todas as nossas boas intenções, na realidade, continuamos indiferentes! Pensar e se comportar consciente e amorosamente um dia por ano e passar por cima disto durante todo o resto do ano ... isto mexe com a consciência! Será que esta é uma conduta decente para uma pessoa correta? E para o aluno da Escola Espiritual isto é um grande tormento. Na Escola Espiritual gnóstica, nossa vida é iluminada por uma luz completamente diferente: uma luz desmascaradora. E,

nesta luz desmascaradora, começamos a ver tantas coisas! Para começar, vemos muitas falhas nos outros. Depois, falhas em nossas próprias vidas. E isto é realmente muito desagradável. De vez em quando, os alunos comentam entre si: "Estou vivendo duas vidas, pois estou ligado a dois campos magnéticos. E como isto provoca tensão!" É verdade, mas isto não justifica atitudes grosseiras! A Escola Espiritual também tem uma filosofia, mas, ao lado da compreensão do processo que deve ser vivido, ela também oferece possibilidades de fugir de si mesmo — para quem quer interpretar as coisas assim. Não estamos sempre falando dos "poderes aprisionadores do ser aural"? É impossível lutar contra ele! Há também a questão do "passado cármico": todas as falhas não vêm daí quando algo anda errado? É comum ouvirmos dizer: "Nesta Escola, eu me sinto preso; o que eu quero é a liberdade!" Mas o que a Escola Espiritual deseja é justamente oferecer-vos esta liberdade! É por isto que tudo começou: esta é sua razão de ser.

A VERDADEIRA LIBERDADE DIANTE DAS LEIS

A liberdade diante das leis da natureza mortal gera o caos. A liberdade em relação à Ordem divina gera harmonia. Vosso passado microcósmico, vossa vida tal como ela se encontra no momento atual, vosso lugar na sociedade, a existência tal qual ela acontece a vossa volta e a natureza com seus minerais, vegetais e animais e o reino humano, os planetas, as constelações e as galáxias, tudo isto junto não passa de uma grande escola de aprendizagem onde cada ser deve aprender sua própria lição. Não há um segundo em que ele não esteja recebendo uma lição. Todo o campo de vida do qual fazemos parte integrante é uma só e única escola de aprendizagem, que oferece um aspecto fundamental muito importante: tudo o que se passa nesta escola se reflete na humanidade em geral e em cada ser em particular.

A NATUREZA NOS OFERECE UM ESPELHO

Sabemos que os antigos chineses pensavam que era preciso passar um certo tempo em um jardim fechado, a fim de refletir sobre sua vida e seus valores, contemplando algumas árvores. Olhando as cores maravilhosas e o brilho espelhado de certos minerais, poderíamos imaginar que nosso caráter possui tantos aspectos, e até mesmo a dureza e a inflexibilidade do granito! E o que reflete o reino vegetal, desde a suave rosa até o espinho pontiagudo? Será que este último nos faz pensar nos aspectos espinhosos de nossa personalidade? O reino animal, com suas belas formas elegantes, suas revoadas de pássaros no céu e seus répteis rastejantes não seria um espelho para nós? Sem falar dos homens! A contemplação da infinita abóbada celeste não nos dá uma idéia de nossa pequenez, e também da grandeza da criação divina, além de nos mostrar nosso lugar nesta criação?

O passado e o futuro

Assim, nós nos encontramos todos em uma imensa escola de aprendizagem formada por nossa própria vida, seu passado, a natureza da qual fazemos parte, que, por sua vez, também tem seu próprio passado. E, a cada instante que passa, estamos em um ponto do tempo em que há a separação entre o passado e o futuro. Este passado é quase desconhecido; e o futuro, uma vaga espera. Estamos no meio dos dois. Vamos imaginar uma balança. De um lado, coloquemos o passado; de outro, o futuro: cabe a nós passar pela grande dificuldade de manter nosso equilíbrio no meio e ficar bem aí. Às vezes, é o passado que nos ameaça de nos atrair para um lado; outras, é o futuro que nos preocupa.

O aluno da Escola Espiritual deve aprender um número redobrado de lições: todas as lições que a vida lhe oferece na vida dialética e todas as que ele recebe na Escola Espiritual. Quem já aprendeu as lições do passado suficientemente e vive no presente, determina sobre esta base, e de forma correta, seu futuro. Se a lição do passado foi realmente assimilada, esta fase terminou e já não é um obstáculo. Mas, se o passado está sendo revivificado a cada instante porque nossos pensamentos ainda lhe dão atenção em demasia, e a nova vida está sendo muito influenciada por ele, as lições voltam a ser dadas.

Para o aluno verdadeiro, cada instante (ou seja: cada segundo do presente) oferece um futuro *sem* passado. Vamos compreender bem esta imagem: cada ação, cada sentimento e cada pensamento, por mais sutil que seja, têm um efeito, uma conseqüência na natureza. Os atos considerados "bons" ou "maus" sempre têm conseqüências e estão ligados uns aos outros pela lei dos opostos, que rege a natureza mortal. Sempre alguma coisa está sendo gravada no campo astral da natureza da morte.

O sábio não deixa rastros atrás dele

Os atos que permitem que a Nova Alma se eleve ao novo campo de vida não criam nenhuma conseqüência na natureza da morte. Daí vêm as palavras: "O sábio não deixa rastros atrás dele". Também é por esta razão que os eões da natureza "não haviam percebido que o Senhor havia passado no meio deles" (*Evangelho da Pistis Sophia*).

O aluno da Escola Espiritual sabe que as grandes possibilidade que estão a sua disposição não vêm do campo de vida dialética, mas do novo campo de vida. Esta incomensurável riqueza divina envolveu-se com uma veste para se fazer conhecer no mundo dialético: uma grande irradiação de amor ligou-se a uma forma de manifestação. Como a base espiritual é sempre o ponto de partida do absoluto, aqui se verifica também a seguinte lei: "Buscai primeiro o Reino de Deus e todo o resto vos será acrescentado". Se pronunciarmos o fiat criador ("Faça-se!") no sentido espiritual, a forma de manifestação há de surgir, com certeza: não pode ser de outro modo.

Quem tentar encontrar o verdadeiro caminho gnóstico não chegará até ele

por estudo ou esforçando-se por adquirir conhecimentos exteriores, por melhores e mais bem orientados que sejam. A cada tentativa, ele deixará rastros e não conseguirá dirigir seus passos para a meta libertadora. A senda luminosa da Gnosis somente é seguida por aqueles que a encontram interiormente, que nela caminham, cheios de aspiração e, sobretudo, por amor ao próximo. Este caminho é diferente para cada um, embora leve à única Meta. É incontestável, sem desvios, direto. É uma senda gravada em Força e Luz no éter da renovação, do qual cada um pode-se beneficiar em seu caminho individual.

Assim, aquele que busca dirige-se à única Verdade, por um caminho que para ele é absolutamente real, mas que, ao mesmo tempo, é invisível para o mundo comum. É um caminho que se forma à medida que nós o seguimos realmente. É por esta razão que cada passo deve ser feito no *presente*, em um ponto do tempo. Portanto, este passo é, ao mesmo tempo, um começo e um fim.

No *Evangelho de Tomé*, os alunos dizem a Jesus: *Diz-nos*: *como será o fim?* E Jesus diz: *Já descobristes o começo? Pois onde está o começo, aí está o fim. Bem-aventurado aquele que se mantém no começo; ele conhecerá o fim e não experimentará a morte*. Então, o peregrino que está a caminho já não se volta para o futuro, mas vai em sua direção. Assim, ele libera possibilidades para outros. Z. W. Leene disse um dia: *A partir do momento em que tentamos levar a Verdade à humanidade no fogo da argumentação, a humanidade tenta apossar-se dela e atraí-la para o círcu-*

"Mas eu tenho certeza de que,
desde o primeiro instante,
senti que havia fracassado em um
mundo que me era estranho.
E este sentimento deve ter sido
tão forte no primeiro dia de minha
vida quanto ainda o é hoje. Sempre
fui um passageiro. Os cristãos
devem estar conscientes de que
não vivem em um lugar duradouro,
aqui embaixo, mas que precisam
buscar o futuro. Este primeiro
sentimento que expresso aqui, eu
jamais considerei como uma
virtude cristã, ou um bem adquirido.
Às vezes, ele me parecia ser
algo falso, como uma ruptura de
minha relação com o mundo e
com a vida. A sensação de estar
enraizado na terra me era estranha.
A concepção órfica da alma
me parecia ser mais familiar:
esta impressão de que a alma
precipitou-se de um mundo superior
e caiu em um mundo inferior; e
que o canto absurdo da terra
não podia fazer com que ela
se esquecesse das harmonias
celestes."

Meu caminho de autoconhecimento, autobiografia do filósofo russo Nicolas Berdiaeff, 1952.

lo de sua existência. Em um momento como este, temos a tendência de perguntar: “Como devemos ver o futuro da Escola Espiritual?” E responderemos: “Estamos convencidos de que está para chegar uma época especial e abençoada. Mas tudo — quase que absolutamente tudo — depende daqueles que, entre nós, percorrem verdadeiramente o caminho espiritual: daqueles que respondem totalmente a sua santa ligação com a Escola Espiritual gnóstica”.

Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir (Hebreus, 13:14). A idéia de um futuro não determinado pela realidade da época presente é completamente especulativa e quase sempre se torna rapidamente inexata. É por isso que Paulo diz em sua Primeira Epístola a Timóteo, 6:19: *Que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida.*

Este fundamento são as ações cotidianas. Nossas ações de cada dia, de cada hora. Trata-se de dar, a cada segundo, o passo certo! É o caminho individual de cada um, e que está ligado ao caminho de todos os outros. E é a partir daí que surge uma situação quase impossível de ser captada pela compreensão dialética: a unidade perfeita de todas as individualidades. É possível chamar esta unidade de Unidade das Almas. Esta unidade sublime cria a ligação com o Espírito, e onde está o fogo do Espírito está a nova consciência. Esta nova consciência pode muito bem ser comparada com a do mensageiro dos deuses, Mercúrio. Ela indica a ligação com a força de irradiação da Gnosis que fala dentro do coração. Graças a esta ligação, o servidor sempre sabe qual caminho deve seguir na vinha de Deus. Já não se trata de especulação, mas de uma consciência totalmente diferente; de uma visão correta e de um contínuo conhecimento interior do caminho que deve ser percorrido. Esta certeza dá a possibilidade de tomar a melhor decisão, a todo o instante. Então, chega-se ao comportamento que emana da Sabedoria e do Amor. No Evangelho de Tomé está escrito: *Seus discípulos lhe disseram: Mostra-nos o lugar em que estás, pois é necessário que o procuremos. E ele disse: Que aquele que tem ouvidos ouça. Há luz no Homem de luz e ele ilumina o mundo inteiro. Se ele não tiver luz, está nas trevas.*

H. Leene
(Direção Espiritual Internacional)

A FÉ DOS ROSA-CRUZES

Assim como há uma força divina que oferece salvação e que podemos empregar em duas direções (para uma regeneração ou para uma degeneração), também há neste mundo dois tipos de fé: uma é a aceitação do que dizem as autoridades, e a outra é uma compreensão clara e um saber pessoal.

É a fé do primeiro tipo que reina neste mundo, em grande parte. As massas religiosas seguem a cegueira, e os fatos mostram fartamente que estão plenamente satisfeitas com isso. Realmente, os dogmas das igrejas estão perfeitamente de acordo com o misticismo da multidão religiosa e lhe oferecem um objetivo de vida e um princípio essencial.

Compreendeis que uma fé estabelecida sobre uma base como esta sempre teve necessidade de autoridades. Ora, esta fé nada tem a ver com um conhecimento direto, ou com a experiência e a percepção da divina sabedoria universal. A fé a que se referem todas as escrituras sagradas apoia-se em uma percepção clara e individual da verdade — embora muitas destas escrituras originais tenham sido profundamente alteradas a fim de que as autoridades pudessem impor-se! A fé comum que corre por este mundo somente pode fazer adeptos; mas a fé da qual falam as sagradas escrituras fazem exclusivamente praticantes, pois um ser humano não pode verdadeiramente confessar sua fé a não ser que uma percepção e um saber profundamente pessoais lhe forneçam um caminho.

Entretanto, os místicos respondem imediatamente: "Mas nós professamos inteiramente nossa fé em tudo o que é dito, por exemplo, na Bíblia. Isto porque somos "crentes", no sentido mais amplo da palavra". A isto, devemos responder: "É um erro, pois os senhores acreditam na forma exterior da sagrada escritura". E a antiga sabedoria continua: *Ai daquele que toma as vestes do Thorá (*a lei*) pelo próprio Thorá!* Estas palavras significam que quem quiser chegar a perceber e a compreender Deus tem de estar livre de todo o tipo de documento escrito. Pensemos nas palavras de Paulo: *A letra mata, mas o espírito vivifica* (Segunda Epístola aos Coríntios, 3:6).

CONFESSAR SUA FÉ E INSCREVÊ-LA EM SEU SANGUE

Nossa intenção é mostrar claramente, neste artigo, o que compreendemos por profissão de fé. No simples estado dialético comum, não é possível testemunhar a fé da Escola Espiritual, confessar a fé dos rosa-cruzes. Primeiro, é preciso que a fé se manifeste e seja inscrita no sangue. Ora, é necessário antes passar por uma série de processos de desenvolvimento. É preciso examinar o que devemos compreender por "rosa-cruzes". É preciso ver claramente que a Fraternidade dos rosa-cruzes não é uma ordem dialética (pelo menos a Fraternidade Rosacruz a serviço da qual nos colocamos!).

Sobre este ponto, em particular, temos muito o que falar e pedimos vossa atenção, pois há inúmeras fraternidades no além, na esfera refletora, que se apoderaram do nome "Rosa-



O sol exterior volta-se para o sol interior. *De Signatura Rerum*, 1622. (Altar na Westfália, Alemanha, 1370).

-Cruz". Por exemplo, a fraternidade que inspirou Max Heindel e outros obreiros como ele. Estes espíritos luminosos da esfera refletora efetuam uma obra puramente dialética no sentido de uma cultura esotérica da bondade e da personalidade. Sua filosofia não oferece, infelizmente, nenhuma perspectiva libertadora para a alma que busca verdadeiramente. O que eles qualificam de libertador, entre eles, é a consciência na e da esfera refletora. E isto cada pessoa obtém em função de seu estado de ser, para em seguida recair nos campos terrestres, prisioneira da roda do nascimento e da morte. Apesar de tudo, temos o maior respeito por todos estes dirigentes que, consciente ou inconscientemente, se encarregam, ou ainda se encarregam, de todas estas regras de bondade segundo a natureza. Esta marcha evolutiva é, certamente, um fator importante para o processo de desenvolvimento universal. Mas a verdadeira Fraternidade Rosa-Cruz não é uma fraternidade da esfera refletora: é uma fraternidade do Reino Imutáve! Eis por que a filosofia desta fraternidade não permite que aqueles que esperam um desenvolvimento da própria personalidade cheguem muito longe!

A meta única: a transfiguração!

Nossa Escola encontrou muitas dificuldades no decorrer dos anos, pelo fato de que a Fraternidade dos Rosa-Cruzes da esfera refletora tentou desviar nossa organização e seu potencial de energia para seus próprios fins, utilizando inúmeras pessoas que se qualificavam de rosa-cruzes. Muitos convites, conselhos e advertências que visavam destruir o trabalho existente tiveram de ser descartados e rejeitados com grande prudência e firmeza pela Direção Espiritual, tendo em vista as características destes "rosa-cruzes". A estes, opusemos a Rosacruz Áurea Universal, que se interessa exclusivamente pelo homem original e pela santa ciência da transfiguração.

Esta explicação esclarece, sem dúvida, sobre a sabedoria e a grandiosa perspectiva da profissão de fé da Fraternidade da Rosa-Cruz. Trata-se de uma percepção direta e de uma clara compreensão da Doutrina original, que visa a reconduzir o filho perdido a sua verdadeira pátria celeste. Cada aluno que está a caminho encontra-se, desde o início de seu processo de desenvolvimento, diante de dois caminhos. Duas direções se apresentam a sua consciência. Ele tem diante de si a escolha entre a cultura de sua personalidade e o caminho de sua regeneração total. E sua escolha depende inteiramente de seu estado de consciência, de seu estado de ser real, da consciência que está registrada em seu sangue. É esta consciência que vai determinar a senda que finalmente ele irá percorrer. Se ele escolher a primeira, se ele tiver,

por exemplo, uma mentalidade religiosa dotada de uma boa dose de cultura da bondade, então estabelecerá uma ligação com a Rosa-Cruz da esfera refletora. Se ele escolher a segunda, a senda de regeneração, então, estará estabelecendo uma ligação com a Rosa-Cruz universal, guiado por uma fraternidade que não pertence a esta natureza.

A Rosa-Cruz da esfera refletora data da Idade Média; e desde então ela dividiu-se em vários grupos, com diferentes objetivos. Entre estes grupos, houve igualmente aqueles que foram fortemente influenciados pelos jesuítas. Contudo, reparai que todos os objetivos perseguidos por esses grupos situam-se, sem exceção, na natureza dialética! Eles deram, por exemplo, muita importância ao desenvolvimento da ciência natural e da vida social e política, pois não tinham outro objetivo que o de impelir a humanidade a criar uma sociedade melhor etc.. Sabeis tudo isto!

A Rosa-Cruz universal é completamente diferente. De modo direto e inabalável, ela se mantém à distância da vida dialética. Como ela se manifesta na esfera material, seus obreiros são, aos olhos, do mundo, pessoas comuns, realistas, que aceitam a vida material e os costumes da época como eles se apresentam, pois o verdadeiro rosa-cruz adota "a veste (o hábito) do país em que ele está". Como tal, ele não faz nada que seja digno de nota. Ele não se interessa formalmente por nada do que, comumente, constitui grande interesse para o homem das massas; entretanto, em nenhum ponto de vista, ele se torna um insociável por causa disto.

A FRAGMENTAÇÃO DO EU

Além disso, a Rosa-Cruz universal pode ser reconhecida pelo fato de que ela age de modo absolutamente impessoal. Nela, não há "nenhuma acepção de pessoa". É bem possível compreender o porquê: na realidade ela não tem como objetivo a cultura da personalidade, mas sim sua fragmentação. Neste mundo, ela age de modo profundamente inteligente e correto.

Agora, podemos compreender claramente as intenções da Rosa-Cruz que não é desta natureza. Ela tem um único objetivo: que um dia o homem celeste verdadeiro possa reviver! A Fraternidade da Rosa-Cruz dirige-se em uma linguagem simbólica universal, particular, a todos os seus alunos, ou seja, àqueles que escolheram o caminho que conduz até ela. Sabemos que a linguagem simbólica é muito antiga, que vem da origem e não pode ser obscurecida por nenhuma outra linguagem terrestre,



O Pecado e a Morte acompanham o homem decaído no abismo, a fim de aliviar seus sofrimentos (*On the Edge of Chaos*, John Martin, 1825).


I
N
R
I

a não ser que nos deixemos aprisionar por preconceitos e pela fé dialética.

O falso uso dos símbolos puros

Há um simbolismo que concorda inteiramente com o instinto de conservação do eu. Seu objetivo é manter-nos presos a esta natureza. É muito simples verificar a origem dos símbolos que encontramos eventualmente, pois nem todos são universais, ainda que os símbolos universais já tenham sido freqüentemente deturpados.

Pensemos na cruz. Onde não se usa a cruz? Todos nós lembramos o que se fez com a cruz, em toda a parte, durante a Segunda Guerra Mundial: a cruz gamada, a suástica, ou roda solar. E a cruz, nas paredes dos templos da Rosacruz Áurea pode falar uma linguagem diferente para cada um. É por isso que é preciso compreender muito bem que a linguagem *simbólica universal* somente fala àqueles alunos que, por seu anelo e por seu comportamento, se dirigem à Fraternidade Universal.

Um símbolo universal é uma porta aberta

A linguagem simbólica universal não se apresenta jamais como um alerta. Por exemplo, como uma espécie de horóscopo progressivo ou como uma previsão ou um anúncio do que vai acontecer. Esta linguagem informa, comunica, abre uma porta! Alguns exemplos explicarão melhor.

O cisne, ou o pelicano, com seus sete filhotes, é o símbolo da Rosa-Cruz universal. O pelicano abre seu peito para alimentar seus filhotes. Se tivermos algum conhecimento da Doutrina Universal e das sete portas da Eternidade que o aluno deve abrir para ligar-se novamente ao ser sétuplo absoluto, este símbolo representa um testemunho puro da fé da Fraternidade da Rosa-Cruz universal.

É possível que alguém sonhe, uma noite, com este pelicano. Isto não quer dizer nada: este sonho se explica pelo efeito de indução disto que estamos aprendendo. Mas é possível que, na senda, o aluno, em meio a seus esforços e no ardor de sua luta para atingir a nova vida, veja, de repente, diante dele, esta imagem do pelicano ou do cisne, sozinha, ou rodeada por outras representações. Então, este aluno, graças a esta informação clara e que o envolve, sabe clara e conscientemente que chegou a hora: a porta da Eternidade está aberta, ou logo se abrirá diante dele.

Se nos detivermos ainda um instante neste símbolo, veremos que há uma intenção grandiosa neste cisne ou pelicano que alimenta seus sete filhotes com o sangue de seu coração. Da mesma forma que a pomba que João Batista (o homem que se autoneutraliza) viu descer sobre a cabeça do Senhor de toda a vida, o cisne ou pelicano são símbolos do Espírito Santo, símbolos da sabedoria divina que desce até nós, no tempo. O cisne é um animal das fábulas, o Espírito que desce no tempo. Os sete filhotes do pelicano são os sete aspectos do microcosmo, os sete campos de vida do verdadeiro homem.

Quando a linguagem simbólica universal põe-se a falar à consciência individual do aluno, este símbolo é o testemunho de um fato consumado: a fase pré-natal já começou. Em todas as grandes religiões do mundo, o pássaro é o símbolo do Espírito Santo. Por exemplo, o deus egípcio Seb é representado com um ganso sobre a cabeça. Brahma, o Espírito Santo dos hinduístas e Zeus, o aspecto do Espírito Santo entre os gregos antigos, tomam a forma de pássaros. E a fé dos rosa-cruzes é representada desde a Antigüidade por um cisne. Queremos somente dizer que, para o aluno de um ensinamento espiritual de nível superior, a linguagem dos símbolos constitui um dos mais importantes

O pelicano alimenta seus filhotes. Foto: Bibliotheca Philosophica Hermetica, Amsterdam, Holanda.

elos de ligação entre ele e os hierofantes.

Evidentemente, este elo simbólico, por si só, não é suficiente. É preciso que, ao mesmo tempo, haja uma ligação pessoal: esta se estabelece na força divina. Quando Paulo diz: *O Reino de Deus não consiste em palavras, mas em força* (Primeira Epístola aos Coríntios, 4:20), estas palavras levam uma assinatura universal.

Acima dos acontecimentos materiais

Quando o aluno preparado atravessa seu campo aural, a ligação com a Vida universal é estabelecida. Então, ele é elevado acima dos acontecimentos materiais. Ele vê, em perspectiva, o passado, o presente e os fatos que virão. Já não estará nem esfomeado, nem sedento, pois é conduzido pela mão de Deus. Assim, ele se alimenta diretamente da substância etérica universal.

Mais uma vez nós vos informamos que a Rosa-Cruz da esfera refletora estabelece uma ligação espírita com seus alunos, porque ela não tem outra possibilidade. É assim que ela insufla e transmite seus ensinamentos, e sugere representações simbólicas. Queremos alertar-vos que, entre a Rosa-Cruz da esfera refletora e a da Vida Universal há um grande abismo. Elas não poderão ser ligadas, de forma alguma! Não se coloca vinho novo em odre velho.

É por esta razão, bastante compreensível, que desejamos evitar que falsas associações de idéias tornem-se um freio e possam criar complicações. A Rosa-Cruz universal irradia unicamente uma força: a força do Espírito Santo, que é uma substância etérica quádrupla, santa, libertadora, sem forma: sem forma, mas apesar disso, envolvendo tudo dentro dela, pois carrega em si o Único, o Todo, a Sabedoria divina.

Se o aluno estiver maduro para esta Nova Vida, ou se estiver a caminho, ele seguirá um processo de regeneração e a força operará, milagrosamente, dentro dele. Nele, ela operará de tal forma que lhe dará o conhecimento, a visão e a compreensão universal. Pelo fato de estar, de viver e de respirar na força divina, o aluno torna-se um iniciado, por pura franco-maçonaria, no Espírito Santo. Neste estado, ele evoca interiormente o Espírito Santo, o cisne, como uma forma simbólica do Espírito Santo em seu próprio ser, como uma expressão das linhas de força e correntes do Espírito Santo.

Então, desenvolve-se, no irmão ou irmã da Rosa-Cruz universal, uma fé que é uma posse poderosa, inalienável e indestrutível: é por isso que a antiga Sabedoria dizia que a verdadeira Rosa-Cruz não poderia ser nem imitada, nem destruída.

Catharose de Petri

A VERDADEIRA EVOLUÇÃO

O homem que ainda não está pronto deve dar o salto na curva da verdadeira evolução

Em relação ao plano divino que está inscrito dentro de si, o homem atual ainda está inacabado. Mas o processo de desenvolvimento em questão passou por uma séria estagnação e o curso da vida humana e seu campo de vida só estão girando em falso em um círculo vicioso.

As ruínas e os gloriosos vestígios do passado mostram que todas as civilizações, por mais grandiosas que sejam, estão condenadas a desaparecer. E agora que o homem está chegando ao final do século XX, deve enfrentar um momento crítico de seu processo de desenvolvimento, o que faz com que ele precise escolher — e ainda é tempo! — entre a desaparição total ou uma elevação absolutamente nova. No que diz respeito a seu desaparecimento, ele já mantém, soberanamente, em suas mãos, todos os meios de destruição. Além do mais, ele deve continuar enfrentando cada vez mais a maior crise mundial deste século. Ele já não vê nada além da morte como ponto final e, para muitos, a senda que leva até ela é pavimentada com males físicos e psíquicos. Ainda que ele sonhe com um futuro diferente, que ele especule sobre a vida depois da morte, é impossível esconder a dura realidade. Os limites de segurança nos quais as religiões mantinham seus fiéis foram varridos, revelando a "terra de ninguém" de uma realidade cada vez mais desagradável.

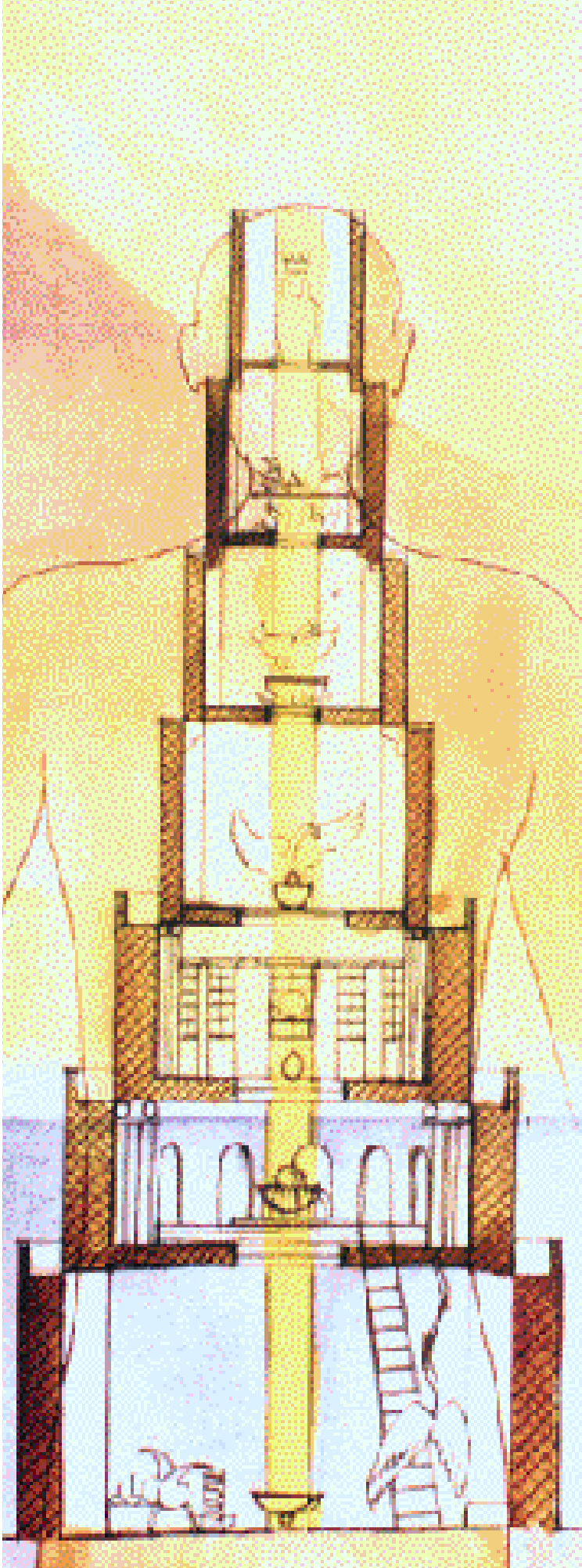
Este drama é a horrível luta na qual se debate a humanidade, agora que ela vê a única verdade por trás de todos os véus e ilusões, despertam sentimentos de profunda tristeza e, muitas vezes, de impotência. Apesar de todas as provas reunidas contra ela, a teoria materialista de evolução é sempre reconhecida, aplicada, renovada e aperfeiçoada a fim de manter a humanidade em seu descaminho. Trata-se de conceitos e de algumas hipóteses desenvolvidos pela ciência para demonstrar que o homem não passa de um ser material. Ora, não há nenhuma prova para apoiar esta proposição. As pretensas provas apresentadas provêm de objetos recolhidos nos campos arqueológicos. Estes vestígios do passado devem demonstrar que o homem atual é o produto de uma longa evolução física e espiritual. Contudo, os sábios não perceberam, de maneira alguma, a verdadeira origem do homem, e também não oferecem nenhuma prova decisiva que dê uma representação científica da evolução. Foram encontrados inúmeros indícios que tendem a provar que, em um passado longínquo, existiram grupos e seres humanos cujas capacidades espirituais e de inteligência ultrapassavam grandemente as do homem atual, apesar dos aparelhos eletrônicos sofisticados que são a marca do mundo de hoje. Para encontrar estes tipos de indícios, é suficiente conseguirmos mais esclarecimentos a partir dos escritos da sabedoria antiga, e de monumentos seculares sobre os quais podemos perguntar-nos como puderam ser construídos. Explicações "científicas" plausíveis a isso jamais foram dadas. E estes imponentes testemunhos que existiram em um passado grandioso e impressionante foram abandonados e caíram em ruína. É por isso que é preciso colocar pontos de interrogação diante de todas estas constru-

ções mentais suspeitas, exclusivamente fundamentadas em vestígios materiais, e desconfiar absolutamente desta famosa "teoria da evolução" que daí decorre e que não corresponde em nada com a realidade.

A VIDA ETERNA NA TERRA

Certamente, há um desenvolvimento material e espiritual do ser humano. No plano material, já atingimos muito. Diríamos que os equipamentos sociais e materiais desenvolvem-se para oferecer ao homem moderno a vida eterna na terra. É assim que ele planeja sua descendência. Mas ele mantém em movimento a roda da vida e da morte, e assim, ao contrário, a dor e o sofrimento aumentam, pois eles não diminuem enquanto a morte continua sua companheira invencível.

Existe verdadeiramente uma transformação essencial, além do progresso material que parece ser tão frágil e efêmero? Será que existe um progresso espiritual tão grande quanto supomos? Todos estes meios técnicos modernos permitem ultrapassar completamente os limites fundamentais do homem? Será que a humanidade já conseguiu ultrapassar a fronteira na direção da qual ela é impulsionada há séculos? Absolutamente não! Sob todos os pontos de vista, a humanidade continua limitada e imperfeita. A vida continua a arrastá-la, sem cessar para um certo nível de desenvolvimento ... em que seria preciso que se passasse algo de fundamental, uma mudança radical de direção que lhe permitisse atingir uma espiral superior



antes que a morte a atingisse. Jesus diz muito claramente: *Se não nascerdes da água e do Espírito, não podereis entrar no Reino de Deus* (João, 3:5).

Dar o salto na curva da verdadeira evolução

Estas palavras fazem uma clara alusão ao novo nascimento que é preciso realizar para obter um "corpo" totalmente novo, capaz de colocar-se na curva da verdadeira evolução. Depois de toda uma série de experiências, é preciso chegar a uma transformação radical e ao abandono de tudo o que já adquirimos. É por esta razão que há uma exigência: o ser humano deve ainda ser aperfeiçoado a fim de que o velho homem ressuscite e que o Novo Homem se eleve para seguir o plano divino, como aconteceu com Jesus, o Cristo, o protótipo do Novo Homem. O Novo Homem deve ter a possibilidade de libertar-se da antiga natureza mortal.

Mas nós nos perguntamos: será que queremos realmente fazer isto? Será que estamos verdadeiramente buscando a vida espiritual superior, desejando abandonar tudo o que é velho? Será que já conseguimos ver claramente que neste século de proezas técnicas somente uma vida sintonizada com o plano de Deus oferece uma solução ao drama que a humanidade vive, sendo ela mesma responsável por ele? Estamos muito cientes desta idéia? Chegamos ao ponto em que todas as nossas experiências nos mostram que atingimos o limite e que uma reviravolta total se faz necessária para que possamos avançar? Será que já sentimos a necessidade desta nova conduta, em cada célula de nosso ser? Se não, seremos levados pelo caminho das provas dialéticas e deveremos continuar a tirar nossas lições de experiências cada vez mais dolorosas. É por isso que, no mais profundo de nosso ser, fazemos esta pergunta única: desejamo-nos tornar este Novo Homem que é capaz de alcançar a curva evolutiva do plano divino? Estamos prontos a tudo fazer para libertar em nós este Novo Homem?

Refletir e esperar é insuficiente

Se queremos verdadeiramente que o Novo Homem nasça em nós, se nos debatemos com esta questão, tomamos consciência também de que o tempo dado para dar esta resposta é muito curto! Melhor dizendo: é preciso que consagremos o tempo que nos é concedido exclusivamente para esta transformação fundamental, pois esta reviravolta não se dá como por um milagre. Ela não é o resultado de uma reflexão filosófica, da leitura de obras esotéricas, ou da assiduidade às conferências públicas e aos serviços da Escola da Rosacruz Áurea. Refletir e esperar... isto não é suficiente. É muito pouco!

É preciso agir. Trabalhar dentro de nós mesmos e tornar possível em nós mesmos este novo nascimento, pois ele tem como base uma transformação atômica. Ele opera até em todos os aspectos físicos e espirituais de nossa vida, intervindo muito profundamente em todo o nosso sistema vital. Não se trata, portanto, de uma nova elevação moral

A Torre do Olimpo (III.-Pentagrama)

ou ética, mas de uma transformação fundamental de todos os processos vitais.

Para o materialista que não considera senão o aspecto exterior do mundo, estas palavras soam agora do longínquo passado: *Homem, conhece-te a ti mesmo!* Devemos estar bem conscientes do grande valor deste axioma se quisermos registrar algum resultado. O homem moderno geralmente não tem autoconhecimento. A maior parte tem um certo conhecimento dos processos vitais que se desenvolvem dentro deles, mas geralmente é um conhecimento superficial e as reações são proporcionais a este desconhecimento, e mais ainda quando a luta pela existência os ocupa inteiramente.

Uma evolução de acordo com as palavras de Cristo

Além disso, muita gente não tem consciência das influências exteriores que se exercem sobre si. Quem quiser percorrer o caminho do novo nascimento deve ver como as influências astrais o agitam e fazem dele uma verdadeira vítima. Todas estas movimentações perturbam o equilíbrio e criam obstáculos no caminho. A grande missão do cristianismo transmitido de muitas maneiras pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea atual é a seguinte: ajudar os seres humanos a libertar a consciência, o corpo e a alma da natureza mortal; e ajudar a cumprir o processo de regeneração da consciência, do corpo e da alma, segundo as normas da natureza original. Não é Cristo quem diz: *Meu Reino não é deste mundo?* Ora, raros são aqueles que perceberam as conseqüências destas palavras. Mas a evolução de acordo com estas palavras de Cristo (e portanto, a realização do homem de acordo com a pura idéia divina) implica no fato de que, para penetrar na ordem da pura natureza original, é preciso uma consciência renovada, uma alma renovada e um corpo renovado. É por isso que repetimos ainda uma vez que nossa consciência deve constantemente continuar aberta às sugestões da Nova Alma. É um processo especialmente delicado e sutil, que vai exigindo uma atenção cada vez maior. A aplicação conseqüente de um comportamento como este pode estimular a libertação da alma. Em nossa época, falamos e refletimos muito sobre a alma, a psique. A psicologia é uma ciência típica do homem atual. Ela contribui com sua presença em todos os setores: na justiça, no ensino, na vida pessoal, enfim, em todas as partes em que a personalidade desempenha um papel. As salas dos psicólogos estão lotados: há um número cada vez maior de pessoas com comportamento mais ou menos anormal. Mas é preciso que eles também se ocupem daqueles que já não agüentam a vida. Embora rotulados como “ciência da alma”, a psicologia é uma ciência dialética. Ela somente diz respeito à personalidade do homem, o qual, apesar de sua pretensa evolução ainda não passa de um animal com poder de discernimento razoável. O aspecto racional e o aspecto animal criam um conflito incessante. Na melhor das hipóteses, nós nos esforçamos, pela razão, para sair deste estado animal e chegar a compreender a origem e o objetivo da

existência. Esta luta é, por exemplo, a base da psicologia, a "ciência da alma", de Freud, Adler e Jung.

A psicologia a serviço da alma inferior.

A visão científica destes estudiosos tomou grande impulso mas, infelizmente, está limitada ao estudo do homem inacabado. Da mesma forma que a ciência médica apenas se ocupa do corpo físico, a psicologia tenta fazer algo pela alma inferior do homem animal. Trata-se de um esforço notável para elevar esta alma torturada e curar os ferimentos que a vida lhe inflige. Mas, enquanto não se tratar do renascimento da água e do espírito de uma alma totalmente nova, a tarefa do psicólogo é sem perspectiva e sem esperança.

O campo astral caótico, confuso, incomensurável, que envolve nosso planeta, infecta inteiramente a vida e o comportamento da maioria dos seres humanos. Ele tornou-se o depositório de todos os seus pensamentos, desejos e ações. E isto não é nada! Pode-se dizer, sem exageros, que se trata de uma séria poluição astral do ambiente. Os impulsos do plano de evolução divino mal podem penetrar neste campo. E a humanidade está perdida no labirinto grotesco de suas próprias projeções. Ela perdeu seu apoio e seu fio condutor, e mal pode orientar-se por si própria. As forças que se acumulam no campo astral descarregam-se regularmente sobre ela. Quem é sensível capta estas energias e fazem com que elas passem pela ciência, pela arte e pela religião. Os resultados falam por si mesmos. Uma onda de reações caóticas submerge a vida "moderna". A humanidade está vencida!

Quem quiser conduzir sua vida com uma certa liberdade deve levar em conta tudo isto! O Novo Testamento nos aconselha a vigiar, a não cair sob o domínio *dos espíritos malignos do ar*, pois eles representam um empecilho fundamental no caminho de libertação. Ora, é este caminho que nós buscamos: estamos em busca do verdadeiro homem e da verdadeira vida humana tal como ela é visada pelo plano divino! Portanto, já não temos nada a fazer a não ser empreender e cumprir o caminho de auto-realização.

E, se nossa aspiração estiver totalmente voltada para este objetivo, será que não seria preciso organizar nossa vida para poder percorrer este caminho, cotidiana e concretamente, continuamente alerta, sem interrupção, com a consciência voltada para a única Nova Vida?

Mas como fazer isto? Em uma lenda que nos vem do bramanismo, o paraíso é um jardim celeste onde floresce uma rosa: e, no centro desta rosa, Deus fez sua morada. Tal é esta lenda. Considerai esta imagem não *fora* de nós, mas em vós: é o jardim celeste que é preciso fazer surgir em vós. A rosa-do-coração, o átomo em que se reflete o plano divino, encontra-se no santuário de nosso coração, e este átomo revela a chave que dá acesso ao caminho de libertação. Quando o poder maravilhoso torna-se ativo, a rosa-do-coração pode refletir novamente o plano de Deus no ser que aspira à libertação. Então, a aura do santuário do coração preenche-se de

uma luz que transforma os pensamentos no santuário da cabeça. Trata-se de um processo de purificação que restabelece o jardim celeste. Quem compreende esta imagem encontra-se, de fato, no umbral do nascimento da Nova Alma, este fenômeno do qual Cristo fala quando dirige-se a Nicodemos: *Se um homem não nascer da água e do espírito, não poderá entrar no reino de Deus*. A alma renovada deve elevar-se nas correntes de força astral gnóstica pura, oferecida pela natureza superior. O fato de diariamente orientar a consciência e o comportamento sobre este processo libera as forças astrais puras que permitem o desenvolvimento posterior da alma.

Se, ao longo deste caminho, a rosa puser-se a florescer, a aura — o campo eletromagnético irradiante que envolve o ser humano — transforma-se em um roseiral celeste onde reinam a paz, a harmonia e o equilíbrio. Então, as forças gnósticas que emanam do coração espiritual iluminam a consciência e levam a alma ao renascimento. Esta, uma vez renascida e tendo atingido a plena maturidade, pode saudar o Espírito divino. Somente a união do Espírito divino e da alma renovada permite ao ser humano ultrapassar a fronteira entre a vida e a morte e beneficiar-se da evolução prevista pelo plano divino. E Jesus disse a Nicodemos: *Não te admires de eu te haver dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento sopra onde ele quer e ouves a sua voz; mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim é todo aquele que é nascido do Espírito* (João 3: 7-8).

Este homem é inatacável: as forças da natureza da morte que gostariam de destruir sua alma não podem capturá-lo.

A. H. van den Brul
(Direção Espiritual Internacional)

CÍRCULO E ELIPSE

De tempos em tempos, regularmente, o homem terrestre tenta representar o Criador e sua criação e, para isto, ele utiliza uma vasta variedade de símbolos, de parábolas e de conceitos. Entretanto, todos estes esforços não passam de descrições e de hipóteses que tentam aproximar-se da realidade. Sua consciência dialética, ligada ao tempo e ao espaço, não tem a capacidade de observar além disto.

Por causa da queda, o homem identificou-se e ligou-se à matéria, e ficou preso nas dimensões do espaço-tempo, que não pertencem à ordem original divina. Tempo e espaço são limites no interior dos quais ele tem de se mover e de se desenvolver em seu estado atual. O campo original da vida divina, e de onde a humanidade desceu até a matéria, não é limitado por conceitos de comprimento, largura, profundidade, começo, crescimento e fim. Este campo de vida é a região do ser e do devir eternos.

Apesar disto, o homem tenta imaginar seu Criador. "Cego" como ele é, ele procura por todos os meios possíveis um ponto de apoio para que seu eu possa vivenciar o poder e a glória de Deus que emocionam sua alma. O símbolo do círculo ou da esfera é freqüentemente utilizado para servir de chave, neste sentido. Entretanto, estes símbolos são apenas uma aproximação, pois estas imagens também são emprestadas do mundo tridimensional da vida terrestre. A Gnosis, pela qual o Criador se manifesta a suas criaturas, não se exprime no que pode ser percebido pelos sentidos, e portanto é impossível de aprisioná-la na camisa-de-ferro das forças e das leis geométricas. Apesar disto, um símbolo puramente gnóstico pode representar aproximadamente os efeitos das leis divinas e tornar-se, assim, um auxílio precioso para quem tenta buscar e compreender o que está perturbando sua alma.

A NATUREZA DO CÍRCULO OU DA ESFERA

A esfera é uma figura totalmente harmoniosa. Cada corte longitudinal seguindo o eixo dá um círculo perfeito e congruente. A esfera se compõe de um número infinito de círculos de mesma grandeza, e pode, assim, representar a harmonia eterna e simbolizar a imutabilidade de uma pura harmonia.

O círculo tem uma circunferência sem começo nem fim visíveis. A distância entre cada ponto da circunferência e o centro do círculo é a mesma. Visto com esta ótica, cada ponto deste caminho circular pode ser considerado como o começo do caminho de transfiguração. O caminho que conduz ao centro matemático pode começar a cada instante. O círculo simboliza, ao mesmo tempo, o fato de que o Criador compreende e penetra inteiramente sua criação, e que o caminho rumo à fonte original da vida sempre está acessível. Deus plantou a árvore da Vida no centro do paraíso para a salvação e a cura de todos. As sagradas escrituras não fazem diferença entre as criaturas que recebem o

Amor divino e as que são desprovidas dele. Todos são iguais.

Para a compreensão do homem dialético, o centro do círculo é apenas o ponto de onde se traça a circunferência; ele não tem nem conteúdo, nem tamanho. Mas, se dizemos que o Criador é o "centro da manifestação", este centro deve ser visto como uma concentração flamejante e ardente de poder e de força, o centro de onde ele inspira e expira, de onde ele cria, penetra, preenche e propulsiona o universo inteiro.

Jacob Boehme chama a esta concentração de substância original divina de "sem fundo", o insondável (*ungrund*). A inteligência tridimensional ligada ao tempo e ao espaço mal pode captar esta noção. Mas aquele que consegue ficar silencioso interiormente e desviar-se de tudo o que toca os sentidos, talvez seja capaz de ver um pouco o que Jacob Boehme entende por isto. Em momentos como este, que se tornam infinitamente felizes, ele experimenta, então, um pouco da ligação entre o princípio fundamental de sua alma original e seu Criador.

A perda do centro original coloca o homem sob a lei dialética.

Antes da queda, os homens originais eram microcosmos não degradados, que eram Um só com o Criador. Ele, o Criador, era seu centro, assim como ele é o centro do universo divino, ilimitado, que tudo penetra.

Os microcosmos que escolheram formar sua consciência pelo conhecimento do bem e do mal destacaram-se e afastaram-se deste centro. Eles queriam ser "seu próprio Deus", seu próprio centro. Eles ainda faziam parte da criação, recebiam ainda a luz que emanava da Luz original, mas já não seguiam em harmonia o processo de desenvolvimento da corrente de vida da qual anteriormente faziam parte.

O eu no braseiro do fogo ímpio

O homem original também era o centro de um círculo. Quando o Criador lhe insuflava um sopro, ele recebia um poder extraordinariamente dinâmico com o qual ele tinha a capacidade de atrair, de formar e de assimilar as forças. No momento em que ele se desviou de sua missão original, ele criou para si um guia: o "eu". Este, com o passar do tempo, foi-se tornando cada vez mais forte e poderoso, formando um centro de forças ímpias, ou seja, um centro de forças que já não respondiam ao plano original do processo de desenvolvimento. Ora, este centro marca com seu selo o campo de vida que o envolve e constitui seu próprio círculo do qual ele é ao mesmo tempo mestre e prisioneiro.

Quando o ser humano desligou-se do plano divino e ultrapassou o "círculo da eternidade", ele foi ligado aos limites do espaço e do tempo, a fim de não descer ainda mais baixo.

A elipse possui dois núcleos e um centro

A unidade divina estava, portanto, rompida. Uma estrutura nasceu do des-

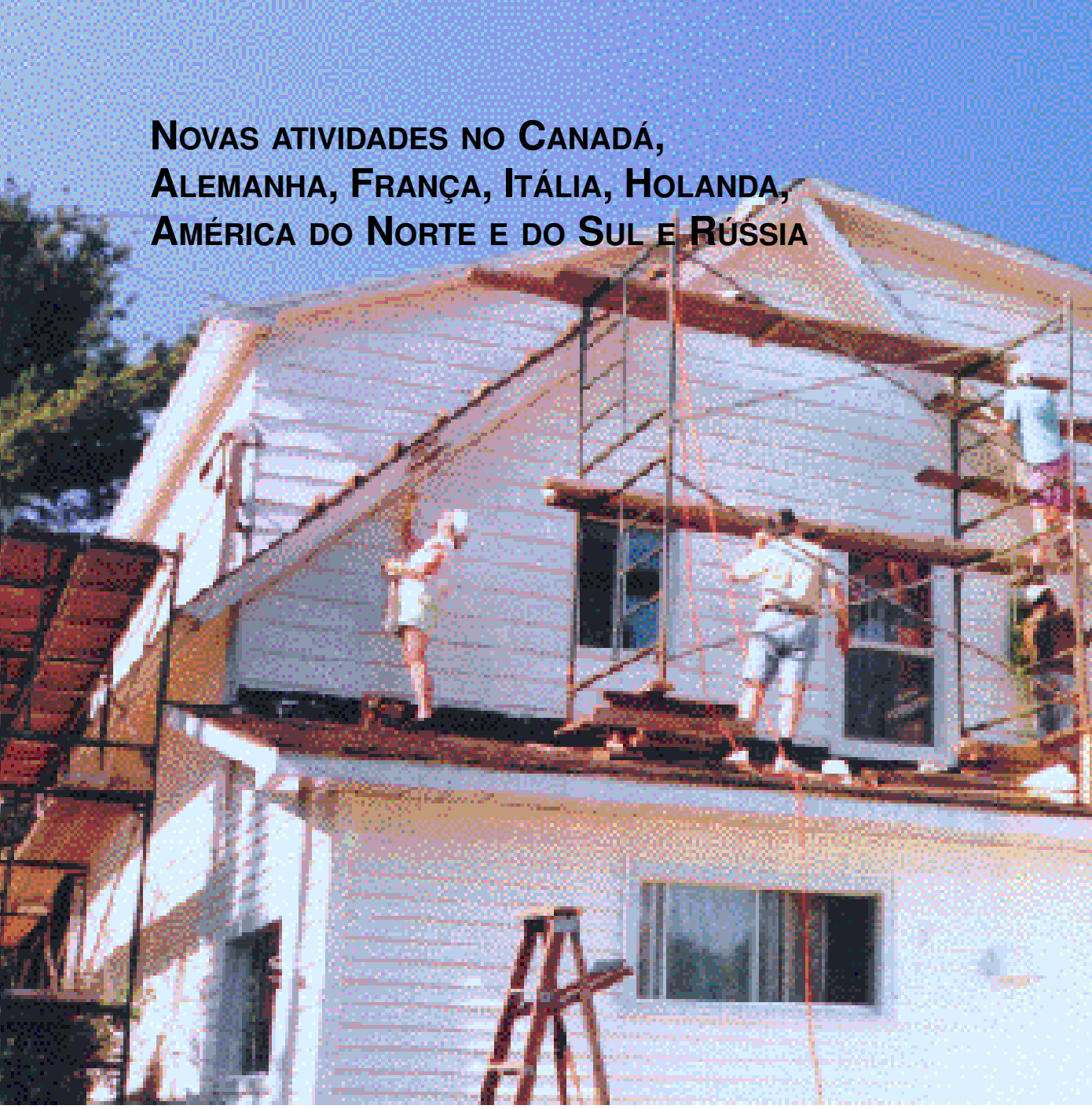
vio do plano divino: uma estrutura que é possível simbolizar pela elipse. Esta, um círculo estirado dos dois lados, possuiu dois núcleos, que não são centros! Estes dois núcleos se encontram um diante do outro como pólos de luz e de escuridão, do bem e do mal, de vida e de morte. Para ilustrar esta figura, podemos desenhá-la com o auxílio de dois pregos e de um fio. A ponta do lápis que a desenha encontra-se sempre no ápice de um triângulo cujas pontas restantes formam os núcleos da elipse. O contorno é, portanto, sempre determinado pelos dois núcleos tomados em conjunto. O bem e o mal, a luz e a escuridão, a vida e a morte: um não pode existir sem o outro. O caminho que percorremos em um campo de vida de dois núcleos é, portanto, caracterizado pela noção de "dualidade". Ou, como diz Paulo: *O que eu quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço*. Como um planeta em volta do sol, o homem é impulsionado para uma trajetória em forma de elipse para um processo de aceleração e de lentidão que se repete indefinidamente.

Assim, podemos considerar o círculo como o símbolo do campo de vida divino, enquanto que a elipse é o símbolo de um caminho que não é voltado para o centro, mas que é a representação do conflito incessante entre dois núcleos.

A elipse se transforma em círculo quando os dois núcleos se superpõem e se perdem no centro original.

Poderíamos definir a curva da elipse como o resultado da luta dos dois núcleos pela alma. É o que explica o conflito em que a alma se encontra, onde se alternam a aceleração e a lentidão, a atração e a repulsão. A partir do momento em que estas forças contrárias desaparecem, isto é, quando a alma se encontra em equilíbrio, a curva da elipse torna-se a circunferência de um círculo do qual cada ponto está em equilíbrio e em harmonia com o centro. Os dois núcleos se fundiram, estão dissolvidos, apagados, ou, se quisermos, estão unidos ao centro original que é a fonte da Vida eterna. No Evangelho de Tomé, esta escrito: *Quando fizerdes de dois Um, tornar-vos-eis filhos do Homem* (Logion, 106). O símbolo de todas as experiências dolorosas no mundo do espaço e do tempo então é substituído pelo círculo da eternidade.

Novas atividades no Canadá, Alemanha, França, Itália, Holanda, América do Norte e do Sul e Rússia



Estatísticas recentes mostram que as pessoas freqüentam cada vez menos as igrejas, principalmente os mais jovens. Ao mesmo tempo, surgem todos os tipos de atividades que provam uma verdadeira explosão do número de buscadores, o que significa que os sentimentos religiosos estão sempre presentes e não se perdem necessariamente quando se deixa para trás os velhos caminhos percorridos. Ao contrário, inúmeros são aqueles que buscam uma outra senda porque eles trazem dentro de si a base de um processo de desenvolvimento espiritual. A Escola Internacional da Rosacruz Áurea abre suas portas a todos aqueles que buscam seriamente uma saída no campo de vida dialético. No

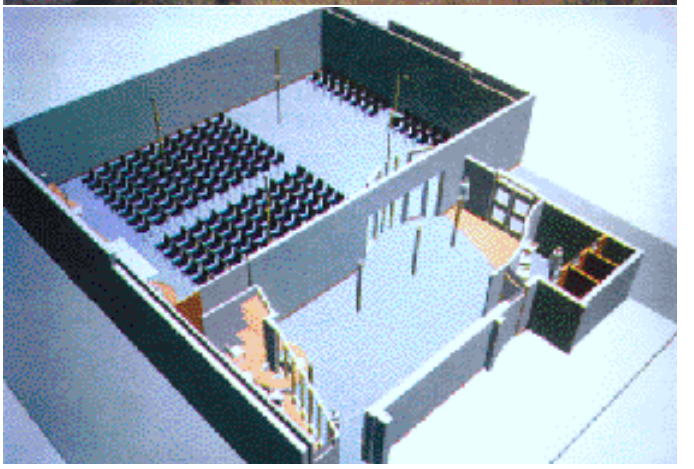


mundo inteiro, os alunos da Escola Espiritual se esforçam para trazer algum auxílio a seus irmãos que buscam a verdade. Neste início do ano de 1998, aí temos o relatório a respeito dos projetos realizados em 1997. Estas atividades encorajadoras e promissoras testemunham um imenso entusiasmo e uma perseverança muito grande.

Holanda: nova construção em Arnhem

No dia 22 de janeiro de 1997, no jornal de Arnhem, surgiu um longo artigo sobre a abertura de um novo núcleo em Velperweg. O vasto hangar atrás da antiga Vila Emília foi transformado em um templo de duzentos lugares. Graças a um biombo, uma parte deste espaço pode ser utilizado para conferências públicas e para as atividades do Núcleo. No fim de semana da inauguração oficial, aconteceram duas conferências públicas para as pessoas especialmente convidadas, a imprensa e os vizinhos. Nestas conferências, foi abordada a questão do significado dos símbolos do Templo. Uma importante exposição mostrava, em linhas gerais, o desenvolvimento do Lectorium Rosicrucianum na Holanda e no estrangeiro.





O hotel de Sutton transformado em Centro de Conferências. O Templo de Arnhem em construção. Maquete do novo Templo do Núcleo de Arnhem.



O novo Núcelo de Toulouse. Conferência em Moscou. O ônibus para a estação de Moscou.

França: trinta anos depois da Conferência de Aquarius em Toulouse

No dia 28 de fevereiro de 1997, novos locais foram inaugurados em um bairro residencial e calmo de Toulouse, para atender ao número crescente de alunos. Cerca de cento e sessenta alunos vieram da Suíça, da Espanha, da Holanda e da França para viver este momento importante. A transformação e a renovação deste prédio antigo de 300m² durara, trinta meses. As salas existentes eram muito altas e tinham grandes janelas. Estes elementos foram cuidadosamente integrados na nova disposição, de onde resultaram belos espaços luminosos e funcionais. Uma vasta entrada dá acesso a uma sala onde se pode acolher 60 pessoas, e é destinada às conferências públicas, às exposições e às atividades do Núcleo. É aí que se encontra o cartaz da quinta Conferência de Aquarius, que aconteceu em Toulouse, em 1967: é uma lembrança deste acontecimento em que mais de dois mil e quinhentos alunos vieram do mundo inteiro e se reuniram no Sul da França para participar de uma destas grandiosas e poderosas Conferências Internacionais organizadas em diferentes campos de trabalho da Europa ocidental.



Rússia: a segunda Conferência Internacional em Moscou

Em maio de 1997 deu-se uma Conferência internacional no Hotel Energy, que reuniu cerca de cento e oitenta representantes dos campos de trabalho russo, alemão, suíço e holandês. O hotel Energy era um centro de convalescença para antigos combatentes. Foi construído nos anos 50, em um terreno de uma antiga propriedade que, atualmente, espera para ser restaurada. Esta Conferência foi organizada em grande parte pelos alunos de Moscou e seus mentores. Nas horas finais do fim-



de-semana foram marcadas duas excursões muito interessantes ao museu Tretjakov e ao Kremlin, assim como uma visita inesperada ao teatro Bolshoi, que deixou uma profunda impressão em seus visitantes. Agora que o Lectorium Roscrucianum é reconhecido oficialmente, o trabalho pode ser continuado sem entraves, nesta parte da Europa oriental.

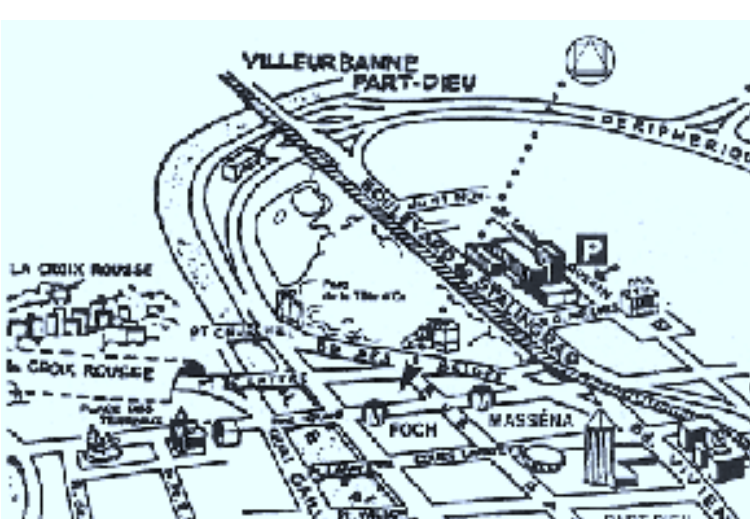
Lyon: inauguração em 15 de março de 1997

Em 1992, os alunos de Lyon começaram a procurar um lugar maior e em 10 de maio de 1994, o contrato foi assinado. O novo Núcleo é uma casa de quatro andares, em uma rua tranqüila que não fica longe do centro da cidade. O subsolo, de cerca de 50m² acolhe a Mocidade. No térreo, há uma sala destinada ao trabalho público. No primeiro andar, há o Templo de 85m², o consistório e o local da aquecimento central. No último andar, duas salas polivalentes foram organizadas. Foram os próprios alunos que efetuaram 80% dos trabalhos.





Núcleo de Lyon e sala de contato. Mapa da parte leste da cidade.





Centro de Conferências em Sutton.

Canadá: um centro de conferências em Sutton

A primeira Conferência aconteceu, em Sutton, no final de semana de 17 e 18 de maio de 1997. Durante cerca de um ano, os alunos canadenses construíram e renovaram um pequeno hotel de turismo para fazer um centro de conferências. Este prédio se encontra a 135km de Montréal, não muito longe do lago de Ontário. O terreno de 5 hectares está situado em um lugar muito bonito, onde a vista é magnifica. Alguns alunos compraram terrenos nas vizinhanças, o que cria todo um espaço próprio para os alunos. Provisoriamente, as reuniões da Conferência acontecem no refeitório, enquanto se espera a construção do Templo.



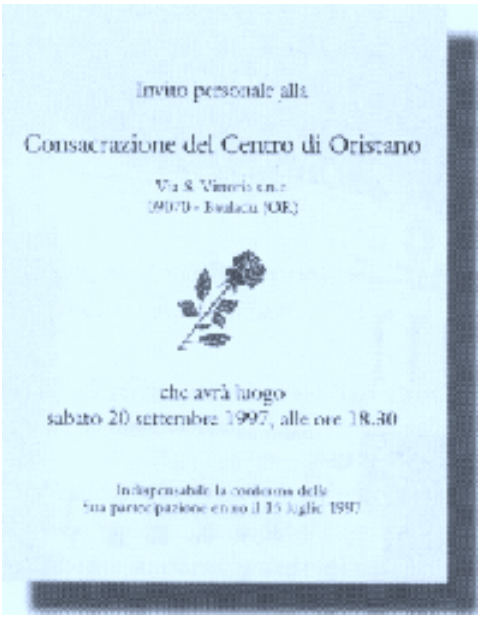
Croquis da futura construção de Bauladu, na Sardenha.
O Templo de Bauladu. Aguardando a inauguração oficial do Centro Oristano em Bauladu.

Itália: um segundo Centro em Oristano, na Sardenha

No dia 20 de setembro de 1997, mais de oitenta alunos da Itália, da Suíça e da Holanda reuniram-se em Bauladu (Oristano), na Sardenha. O primeiro prédio de um centro de conferências para alunos da Sardenha é um modesto edifício que foi construído em um






Invito personale alla

Consacrazione del Centro di Oristano

che avrà luogo
sabato 20 settembre 1997, alle ore 18.30

pronto. Depois, na vila (que data de 1902), foram instalados: uma grande cozinha, um refeitório, dormitórios, uma grande sala polivalente e escritórios. Enfim, os lugares à volta abrigam uma sala de silêncio, uma sala de reuniões e outros dormitórios. É assim que pôde acontecer a inauguração de Birnbach, que é o terceiro Centro de Conferências da Alemanha. A construção da segunda parte do Centro irá começar provavelmente em meados de 1998.

tempo relativamente curto. Quando os alunos perceberam que as distâncias e as taxas de viagem estavam praticamente impossibilitando sua presença regular nas Conferências de Dovadola, na Toscana, decidiram estabelecer um centro na Sardenha. Bauladu encontra-se próxima à auto-estrada que atravessa a ilha de norte a sul. Primeiro, os alunos começaram a construir um templo de aproximadamente 50 lugares. Para 1998, já existem seis conferências previstas. Alguns pequenos dormitórios estão em construção, e também um refeitório, banheiros e um estacionamento. O restante do terreno será um jardim.


Birnbach, terceiro Centro de Conferências da Alemanha.

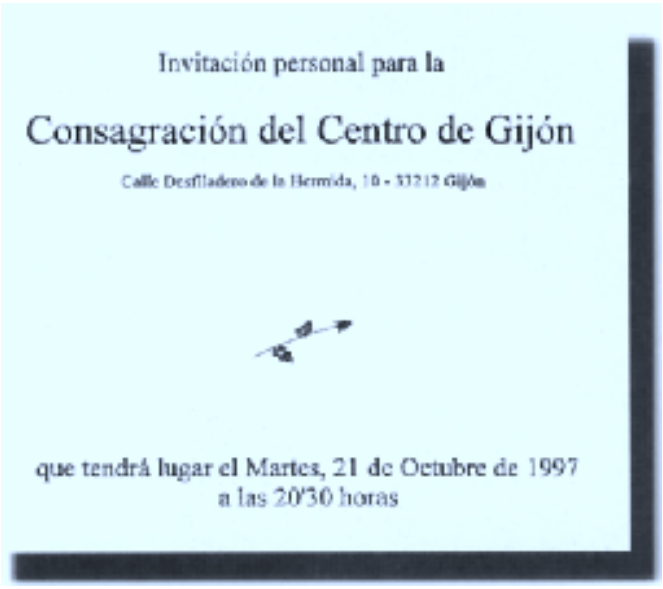
Alemanha: primeira fase dos trabalhos acabou em 27 de setembro de 1997, em Birnbach

Neste ano, na Alemanha, todos os esforços se voltaram para a construção do terceiro local de Conferências, no centro do país. Para que as Conferências acontecessem rapidamente, os alunos do norte e o do sul da Alemanha restauraram os edifícios que já existiam. Um templo de duzentos lugares já está





Trabalhos no Centro de Bakersfield.



ESPANHA: O NOVO CENTRO DO NORDESTE DA ESPANHA, EM GIJON

Depois de quatro meses de trabalho intenso, um grupo de alunos relativamente restrito inaugurou, na terça-feira, 21 de outubro, os novos locais do belíssimo Centro de Gijon.

USA: TRABALHOS EM BAKERSFIELD PARA SATISFAZER ÀS NOVAS LEIS.

Como há riscos de tremores na Califórnia, as autoridades estabeleceram novas leis a respeito da construção de edifícios públicos de pedra. No dia 2 de outubro de 1997, vinte e três voluntários holandeses tomaram avião para ir ajudar os alunos americanos a edificar uma estrutura em aço. Dos dois lados do edifício, duas filas de cinco colunas em aço formam, com placas de aço, uma espécie de grande gaiola sobre a qual foram fixados o chão, as paredes e o teto. O trabalho teve um acabamento de pintura externa de toda esta estrutura. Voltando, em Chatham, na costa leste, os voluntários souberam que já existia um projeto para importantes trabalhos nos prédios recentemente adquiridos. Se estes projetos forem confirmados, a equipe de trabalhadores partirá para Chatham no início de junho de 1998.



Brasil: uma nova sala de contato entre São Paulo e Brasília

A 250km de Patos de minas e a cerca de 500km de São Paulo, de Brasília e de Belo Horizonte, deu-se a inauguração da sala de contato de Uberlândia.

Reforma da Sede Central Brasileira, em São Paulo

Agora que as Conferências acontecem em Jarinu, a Sede Central, em São Paulo, foi organizado de modo multifuncional. Procedeu-se à reforma dos Templos, à transformação do restaurante em espaço para as atividades públicas, e à modernização dos escritórios. A Mocidade tem seu próprio local e uma sala é reservada para as grandes ocasiões.

Cochabamba, na Bolívia

No dia 8 de novembro de 1997, foram inaugurados, em um antigo edifício em Cochabamba, locais destinados a um novo centro em que se darão também as Conferências de Renovação. O templo pode receber somente 100 pessoas, no máximo.



Reforma do conjunto de templos de São Paulo. À esquerda, prédio do Centro de Cochabamba.

O PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE DUAS RETAS

A intersecção de duas retas determina um ponto no espaço. O campo de vida individual de cada um é o ponto em que ele se encontra na manifestação universal. A linha horizontal da vida dialética e a linha vertical da manifestação do Espírito se encontram em um ponto.

Este ponto de intersecção é diferente para todos: ele oferece a cada pessoa possibilidades individuais específicas, que não correspondem ao mistério da vida de uma outra. É neste ponto de intersecção que se revela a Palavra sagrada que responde às necessidades de nossa vida; é neste ponto que se revela o plano de desenvolvimento divino, que se revela a próxima etapa do caminho e que é dada a nossa força de realização. Neste sentido, cada um tem uma tarefa pessoal autônoma a cumprir na Criação.

Em matemática, diz-se que uma reta é definida por uma fórmula, ou função, que indica sua direção e seu lugar no espaço. Em um sistema constituído por duas retas que se encontram em um ângulo reto, o ponto de intersecção pode ser definido como o ponto de origem; então, a reta vertical é definida pela fórmula Y=0 e a reta horizontal X = 0. No ponto em que estas duas retas se encontram, elas têm o mesmo valor, que é (0;0). Estas duas retas, e portanto seu ponto de intersecção — origem que marca o início de um novo processo de desenvolvimento — encontram-se em lugares diferentes do espaço para cada um.

Do ponto de vista filosófico, é no ponto de intersecção (que é único para cada sistema) que a linha horizontal pode receber o influxo vertical da Luz, que um ser humano pode receber a Luz, elevar-se até ela e a ela se unir, porque é aí que a Luz se oferece a ele. Na linha horizontal, somente podemos elevar-nos para a linha vertical do ponto zero. Além disto, por toda a parte, a intersecção da linha horizontal com a linha vertical não existe e portanto constitui um conjunto vazio.

Seguir o caminho gnóstico não é realizar uma fórmula matemática. Mas a imagem dada anteriormente mostra incontestavelmente que todas as aspirações ou manifestações que acontecem na linha horizontal fora da origem não têm a porta de elevação.

Além disto, este esboço de definição matemática mostra que, por mais refinados que sejam os objetivos e os pensamentos do eu, enquanto ele continuar na linha horizontal fora do ponto zero, ele passa longe do ponto de intersecção do coração. Este ponto, o átomo original, a centelha divina, não pode projetar na personalidade uma imagem justa e pura a não ser que o homem continue perfeitamente neutro em meio a toda a agitação da via dialética.

No sentido estrito, isto significa que ele não deve implicar-se com o plano material, astral ou mental a ponto de sintonizar ainda mais sua atenção ao que se passa na linha horizontal. Assim, ele atinge seu ponto zero e se mantém às portas de um novo processo de desenvolvimento eterno. Sua personalidade é reduzida ao mínimo biológico.

A centelha divina é o ponto de contato, o umbral entre a antiga e a nova vida, a porta do novo campo de vida, onde é



possível rejeitar tudo o que é velho; é o coração vivo e irradiante de onde ressoa sem cessar a exortação para receber quatro novas energias. Longe de negligenciar estas energias, é preciso utilizá-las de modo conseqüente a fim de atingir o resultado desejado. Este campo de trabalho é destinado ao ser humano a fim de que ele se ligue à nova vida para regenerar sua alma e lhe permitir alcançar a glória da união com o Espírito. Ele vê que este tesouro lhe é confiado, não tanto por que ele tenha direito a isto, mas a fim de que ele possa explorar e utilizar as novas possibilidades, de acordo com seu objetivo.

Ele é convidado, exortado a considerar sua tarefa, a reconhecê-la e a executá-la. Esta realização não se situa no futuro. Quem pensar assim, passa de fato longe das novas possibilidades. Trata-se de reconhecer o plano, aceitá-lo incondicionalmente, de acreditar nele, de poder lê-lo e viver dele.

O homem atual, que aspira à verdade e busca a eternidade, tem diante de si a tarefa da construção do novo templo dentro de si mesmo, que é o único meio divino graças ao qual podemos e devemos executar o plano divino. É preciso edificá-lo no ponto de intersecção da linha horizontal de nossa vida terrestre com a linha vertical da efusão da Luz. É no decorrer de uma longa preparação, de muitos esforços e provas, que se edifica no microcosmo o quadrado sobre o qual deve elevar-se o templo da alma imortal segundo as exigências do plano divino.

Mas, como o Tomé, em nós, geralmente ainda tão incrédulo, encontrará e estabelecerá este ponto de intersecção em nosso ser? Como desceremos ao mais profundo de nós mesmos para aprender a escutar e a compreender a voz da natureza divina?

Quadro em azulejo, no mosteiro de Alcobaça, em Portugal.

O DESLOCAMENTO DOS PÓLOS E O REINÍCIO

Quando o poderoso impulso espiritual que carrega tantas almas em suas ondas acontece, e quando estas almas atingem o ponto em que já adquiriram o máximo de experiências, chega o momento em que elas devem deslocar os pólos de todo o seu sistema.

Conforme se dá o processo de inspiração e de expiração do Criador, muitos microcosmos vão chegando a um ponto crítico. É nesta hora que acontece a perturbação de suas vibrações, no caminho de desenvolvimento que eles adentraram; é o momento em que eles chegam a um limite e devem preparar-se para poder prosseguir, em uma espiral superior. É preciso que eles compreendam agora que, se continuarem a assimilar as forças do antigo campo de vida, estarão destinados à cristalização.

Para muitos, isto significa que eles devem experimentar o quanto estão enredados na matéria; o quanto as imagens mentais, astrais, etéricas e materiais que eles forjaram para si mesmos já fizeram com que eles afundassem; e que agora é preciso encontrar uma saída. Quando eles já viveram muitas experiências particulares, quando seu campo de respiração corre o risco de ser completamente invadido e maculado por forças que podem constituir-se em obstáculo para o desenvolvimento seguinte e abafar o apelo do guia interior, sua alma pergunta, desesperadamente: "Para onde a vida nos leva?".

Nesta hora, eles têm de começar a limpar as "estrebarias de áugias" (referência a um dos doze trabalhos de Hércules que consistia em limpar as estrebarias de um rei). Ou seja: está na hora de limpar sua própria sujeira e começar a reviravolta fundamental e definitiva de suas vidas. Este é o anúncio do momento crítico de seu processo de desenvolvimento.

MEIA-VOLTA RADICAL EM LINHA DESCENDENTE

Este momento crítico é diferente para todo o mundo, mas ele se caracteriza por uma recusa radical das influências que mantêm a espiral descendente, desde que consigamos reconhecê-las. Quem uma vez percebeu que esta falta de compreensão o impede de seguir o bom caminho, fará cada vez mais conscientemente a distinção entre o "bem" e o "mal" e se esforçará por esfacelar seu templo de representações negativas. Este processo acontece logo depois que a personalidade parece insensível às manipulações da natureza inferior e está abrindo passagem à corrente de qualidades positivas que antes estavam ausentes.

Este projeto de rejeição do que é velho e a atração pelo novo traz como resultado a troca total dos pólos do ser. Quem se abre, finalmente, para as forças purificadoras e edificantes da Gnosis e rejeita energicamente o que a Luz rejeita, começa um processo de assimilação totalmente novo. E, se for o caso de um grande número, o campo de irradiação da terra também mudará, o sofrimento irá desaparecer e a humanidade empreenderá um desenvolvimento vivificado pela Luz. Esta disposição

positiva — de quem vive conscientemente da Gnosis — irá contribuir para irradiar e para expandir forças novas e renovadoras. Assim, a seu devido tempo, todo o processo de assimilação da terra será modificado e haverá um "deslocamento dos pólos". Há traços magnéticos em certas rochas que mostram que este fenômeno já deve ter-se produzido inúmeras vezes, e muitos pesquisadores já demonstraram que, em uma certa época, o pólo Norte situava-se na Bretanha, na região Noroeste da França.

O DESLOCAMENTO DOS PÓLOS MARCA O INÍCIO

Suponhamos agora que o processo se desenvolva da maneira como descrevemos; que não seja somente um grupo que siga o processo de desenvolvimento da nova alma e que o campo de irradiação deste grupo vá sendo transformado ostensivamente; que toda a humanidade consiga escapar das forças e potestades opostas. O processo de libertação começa, portanto, com um microcosmo. Seu habitante "bate na rocha a fim de fazer brotar a Água Viva" e de "purificar as estrebarias de áugias". Depois, chega o momento da efetiva reviravolta interior. Em seguida, muitos se reúnem e o processo toma força. Forma-se um cosmo capaz de vencer o poder da morte. E este cosmo estende-se por toda a humanidade, que dele faz proveito.

Mas, concretamente, ainda vai levar muito tempo para que a humanidade tenha a vontade e a capacidade de se engajar em um processo como este. As forças e os poderes da natureza submergirão cada vez mais aqueles que ainda querem conservar sua antiga polaridade. No esoterismo é descrito como as forças e representações idênticas se consolidam e as forças e representações contrárias lutam e se neutralizam no mundo astral; como as forças e concepções voltadas para a vida da nova alma atacam e neutralizam as forças e concepções opostas à nova vida. Admitindo-se que estes processos acontecem rapidamente no mundo astral, o "mal" é ali rapidamente destruído pelo "bem", ou seja, por um esforço consciente rumo à Gnosis.

Em nossa época, a mídia nos coloca todos os dias diante da maré de sofrimentos que aparentemente está sempre subindo, e somos obrigados a nos retirar diante destas ondas, para não nos prejudicarmos nelas. Mas, este retiro pode também parecer como um isolamento em uma "torre de marfim", de onde possamos observar facilmente, lá do alto, o mundo horrível que desmorona a nossa volta, registrando os males e inflexibilidades, descrevendo com verve todas as catástrofes. Ora, se assim fizermos, só atiçaremos mais ainda o sofrimento.

Se formos capazes de descobrir o bem em todos os acontecimentos de nosso tempo (ou seja, para onde ele conduz o homem-alma) estaremos contribuindo para a libertação rápida de nossos semelhantes das cadeias às quais eles foram ligados pelos carcereiros do mundo astral; e os guiaremos para a Luz! Quando recusamos o velho homem somente pela palavra, não conseguimos nenhum resultado; somente o aniquilamento do que é mortal no ser, graças a atos puros, é proveitoso para a alma.

E é assim que muitos chegaram a uma encruzilhada crítica em suas vidas, e que muitos também já começaram o caminho de volta para a Luz original!

COMPOSITORES EM BUSCA DA VERDADE

"Não é verdade que o artista é sempre um estrangeiro entre os homens? Onde quer que ele vá, levado por determinado impulso, ele se sente banido em toda a parte. Parece que ele conheceu um céu mais puro, um sol mais quente e homens melhores."

E as palavras acima, do pianista virtuoso e compositor Franz Liszt (1811-1889) expressam um sentimento que não é somente próprio do artista, mas também do buscador sério da verdade. Na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, esta impressão de ser um estrangeiro na terra, sentimento que é muitas vezes inconsciente, é chamado de "reminiscência". Este fenômeno tem diferentes aspectos e por isso existem diferentes reações. É um sentimento que pode impulsionar alguém a ir até o fundo das coisas. É a assinatura do cientista. O místico, orienta-se a partir de aspectos da fé e o artista tenta expressar sua busca por meio da harmonia e da beleza. A beleza é uma expressão da harmonia da criação, como indica a palavra grega "kosmos", que significa também "ordem", "adorno" e "beleza". O músico busca o acorde harmonioso das melodias do universo que jorram da vida divina. Do ponto de vista musical, a vida divina é uma variação contínua da única melodia original.

As palavras de Liszt dão a impressão de que ele reage à reminiscência de seu coração. Ele cria para si uma espécie de santuário interior, um refúgio no qual, diz ele, "até mesmo o amor humano não pode penetrar". Isolado dentro de si mesmo, ele aspira a realizar o ideal que ele escolheu como objetivo de sua vida.

Impressões de turbulências astrais durante a execução de uma sinfonia (Litografia de G. Müller-Parsberg, 1931).

A MÚSICA DE BACH E A INFLUÊNCIA DO PIETISMO

Como um compositor como Johann Sebastian Bach expressou estes sentimentos na música? Seu lema era que toda a música deve servir unicamente "à honrar o Senhor e fazer florescer a alma". "Se não fizermos assim", diz ele no prefácio de um de seus manuais, "não se trata de verdadeira música, mas de rugidos e de ruídos diabólicos[1]." Para Bach, a verdadeira música tem sua raiz na consciência religiosa. Segundo seus alunos, ele considerava as partes vocais de suas composições como diálogos entre os participantes que, na ordem de inscrição, falavam e escutavam. Cada nota devia ser de uma grande pureza, a fim de servir perfeitamente o sentido interior da composição. Esta retidão, esta disciplina, formam a base de toda a obra de Bach. Nenhuma de suas criações é superficial ou medíocre. Seu comportamento se reflete tanto em

O pietismo é uma corrente mística protestante que surgiu no século XVII, na Alemanha, na Inglaterra e na Holanda. A fé pessoal era considerada como aquilo que havia de mais importante e deveria expressar-se pelos sentimentos, além de toda a doutrina oficial.



suas obras religiosas quanto profanas. É por esta razão que alguns críticos o acham muito douto, muito sério e meticuloso. Sua visão se expressa muito poderosamente em inúmeras cantatas em que letras e sons ilustram passagens da Bíblia. Os escritores que trabalharam com Bach estavam, sem nenhum dúvida, sob a influência do pietismo e mostravam o profundo desejo de interiorizar e aprofundar a fé. A palavra pietista foi utilizada como apelido para designar um "carola". O pietismo é uma corrente espiritual na qual se aspirava à experiência divina individual sob a influência do gnosticismo. Neste contexto, lembremo-nos de Johann Valentin Andreœ, o pastor de Calw (Alemanha), que escreveu *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz. Andreœ* é citado como fundador do pietismo suábico.

As cantatas de Bach contêm, além disto, uma quantidade de textos que encontram eco no aluno, em razão de sua visão de vida. Assim, o coro da Cantata 22 canta: *Faz-nos morrer por tua graça; desperta-nos por tua bondade. Que o velho homem pereça a fim de que ele possa viver novamente*. Estas palavras ligam diretamente à endura, que é o processo do recuo deliberado do eu em proveito do novo homem-alma.

Haendel e o Messias

Georg Friedrich Haendel é um outro grande compositor da época barroca. Ele escreveu oratórios que eram na verdade música religiosa, mas livres interpretações musicais de temas bíblicos em forma de concertos. Um contemporâneo dele escreve: *Em suas conversas, Haendel dizia sempre como se sentia feliz de colocar música nas palavras da Sagrada Escritura e como era edificante meditar sobre os pensamentos elevados deste livro (A Bíblia)*[2].

A obra mais importante de Haendel é *O Messias* que, segundo suas próprias palavras, havia nascido quando ele sentiu uma emoção de intensa beatitude, como uma espécie de êxtase religioso. Quando ele escreveu o famoso coral de Aleluia, ele estava tão emocionado que chorou. Escutando esta obra, somos profundamente tocados pela profunda fé em Deus que Haendel expressa na ária *Eu sei que meu redentor está vivo*. Como todos os grandes compositores, ele desejava oferecer a seus contemporâneos sonoridades às quais sua inspiração havia dado asas.

Tudo o que dizem os grandes compositores a respeito de sua inspiração mostra que, concentrando-se muito seriamente e sintonizando a vida superior, eles tentam atrair forças puras e, portanto, sons harmoniosos. Em todo o

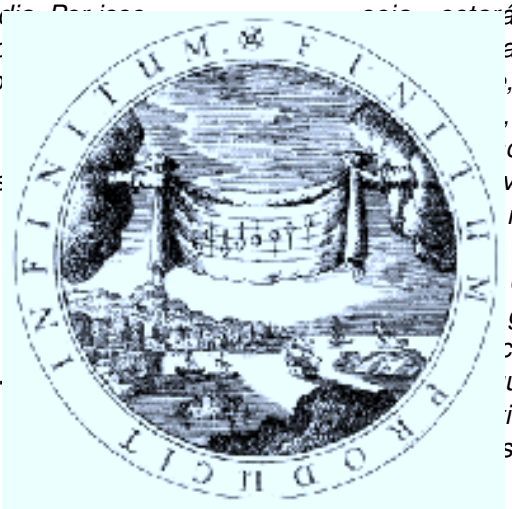
Bach e os Rosa-Cruzes

Há muito tempo já se acha que Sebastian Bach introduziu seu próprio nome e o de Christian Rosenkreuz nas composições por meio da simbologia dos números. No livro entitulado *Bach en het getal* publicado em 1985, os autores mostram que Bach deu algumas indicações que dizem respeito aos rosa-cruzes da Idade Média e a suas obras. Numerando de 1 a 24 as vinte e quatro letras do alfabeto de sua época, e adicionando estes números, os autores encontraram, por exemplo "A C.R.C. Hoc Universi Compendium Vivus Mihi Sepulchrum Feci" (Altar de C.R.C., deste compêndio do universo fiz, em vida, um sepulcro), frase tirada da *Fama Fraternitatis.*

(*Bach en het getal,* Kees van Houten en Marinus Kasbergen, de Walburg Pers Zutphen, 1985).

caso, sua música é a interpretação de um desejo da humanidade de experimentar um pouco da realidade do mundo divino. Mas uma tentativa como esta não vai além de uma imitação, ou de um obscurecimento. Em seu livro Cartas, a grã-mestra Catharose de Petri escreve:

É possível que um compositor ou um músico abençoado pela Gnosis sirva de ponto focal para as radiações emanadas da harmonia das esferas, emanadas dos núcleos do protótipo primordial sétuplo da melodia. Porisso, [illegible] o gênio musical poc[illegible]alidade tridimensio- por cada nota em to[illegible], por isso, é escuta- sua pureza, embora [illegible], e portanto também isso tem de ser dito [illegible]omente pode ser as esferas divinas [illegible]vivenciado interior- dificilmente se mol[illegible]mente pelo eu, dem. [illegible]eventualmente [illegible]dotado de uma [illegible]grande cultura e [illegible]com poder de distin- [illegible]uir toda a gama de [illegible]ilezas... Quando [illegible]s de elevação místi- [illegible]musicados, o compositor — por mais que esteja voltado para a Gnosis — não poderá ultrapassar um certo limite, apesar do nível musical e religioso que já tenha adquirido. Portanto, um tipo de criação como esta continua a ser discutível!



A harmonia das esferas (Jacob Bornitus, Em-*blematum Sa-*

A relatividade das criações tridimensionais

Mesmo se tal ou tal trecho nos preenche de exaltação, é preciso dizer que a música é sempre relativa no mundo de três dimensões. Na melhor das hipóteses, a representação que o compositor faz da harmonia e da beleza verdadeiras traduz nada mais do que um eco bastante enfraquecido. Os gostos da época influenciam e impregnam tanto as formas de expressão do passado que estas últimas acabam caindo no esquecimento. Outras relações de irradiação se apresentam e acompanham uma nova corrente cultural; a consciência musical adquire, também, novos aspectos. Quem tem a faculdade de se colocar diante da consciência dos séculos passados? Se ouvíssemos a música clássica em sua versão original, estas sonoridades nos pareceriam, sem dúvida, muito estranhas.

As diversas culturas experimentam os mesmos sons e cores de modo muito diferente. A grande riqueza de cores e de movimentos de uma sinfonia que data do romantismo europeu tardio ressoa como sons confusos, agudos, de arrebentar os ouvidos, para um músico indiano, habituado a um sistema tonal e rítmico inteiramente diferente. Ao contrário, o europeu encontra apenas um certo prazer limitado ouvindo uma música asiática secular. Em seu livro Cartas, Catharose de Petri escreve também: *Partimos do princípio de que tudo o que é manifestado no campo de vida material, por mais transparente e sutil que seja, estará sempre limitado*

A inspiração e o Deus aural

Quando o artista transmuta os impulsos espirituais, ele utiliza tesouros conservados em seu ser aural, pois é aí que se encontra a fonte de onde jorram seus dons: é a raiz de seu ser natural. A natureza e o estado da câmara de tesouros do ser aural determinam o domínio tonal ao qual o artista tem acesso. Se se trata de um verdadeiro buscador de Deus, o impulso que o perturba e o leva a atividades criadoras provêm do proto-átomo de seu coração. Tudo depende das possibilidades que seu ser aural lhe trans-

mite para dar uma expressão musical aos impulsos de sua alma. Johannes Brahms (1833-1897) disse, um dia: *Eu amo a música. Eu não penso em outra coisa. Penso somente em tudo o que pode tornar a minha música mais bonita.*[3] Franz Schubert (1797-1829) canta em seu *Hino à Música*:

Oh, quantas vezes, quando a vida cruel me apertava, me inflamastes o coração com amor ardente!

Neste contexto, Ludwig van Beethoven (1770-1827) afirma: *Não há nada que seja mais elevado do que aproximar a divindade mais do que qualquer homem e de em seguida espalhar suas irradiações entre os humanos. O verdadeiro artista não tem nenhum orgulho. Ele vê, enfim, que a arte não tem limites. Ele se sente com humor sombrio quando se vê tão distanciado de seu objetivo. E se ele fica maravilhado pelos outros, lamenta ainda não poder atingir o nível em que o maior gênio brilha como um sol longínquo.*[4] O que Beethoven chama aqui de "o maior gênio" pode ser comparado à atividade do átomo original do qual fala a Rosacruz Áurea atual. Quando este princípio começa a se despertar, o coração do homem se perturba e é então que surgem nele algumas indagações inquietantes: "Por que estou vivo? Há uma finalidade para a vida? Para onde leva a vida?"

Os sons expressam mais do que palavras

O compositor alemão Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809-1847) vê este fato de forma mais sóbria, mais como Bach e Mozart. Para ele, fazer música era uma graça e uma consolação. *O que é a arte senão um apelo celeste? Se tudo parece hediondo e comum, a mínima expressão artística verdadeira já é capaz de emocionar um homem e de conduzi-lo para tão longe da cidade, do país e da terra que ela é como se fosse*

Beethoven em 1824 (época da Nona Sinfonia):
"Quando, maravilhado, olho o céu e vejo o exército de luzes eternas que seguem seu curso delimitado e que chamamos sóis ou planetas, então meu espírito se dirige através destas estrelas distantes de tantos lugares para a fonte original de onde flui toda a criação e surgem eternamente novas criaturas. Quando tento traduzir em sonoridades meu sentimento apaixonado, ah! fico terrivelmente frustrado, jogo fora meu papel maculado, firmemente convencido de que nenhuma pessoa nascida sobre a terra poderá jamais evocar, com sons, com palavras, com cores ou com o cinzel, estas celestes imagens de uma excitante fantasia surgidas em um momento de felicidade. Sim, o que o coração deve alcançar deve vir do alto, pois de outro modo não seriam mais do que corpos sonoros sem espírito, não é mesmo? O que é um corpo sem espírito? Lixo ou terra, não é mesmo? O espírito deve elevar-se da terra, para onde a centelha divina foi banida por um certo tempo e, exatamente como o campo onde as preciosas sementes são confiadas pelo camponês, ele deve florescer e carregar muitos frutos, e assim, multiplicado, esforçar-se para atingir a fonte de onde provém. Pois é somente graças a um trabalho perseverante com as forças que lhe são concedidas que a criatura venera o Criador da natureza infinita10."

uma bênção divina. E mais adiante ele diz, exatamente no mesmo sentido de Bach: *Levo a música muito a sério e acharia inadmissível compor algo que não sentisse dentro de meu mais profundo ser. Seria como uma mentira de minha parte, pois o que as notas exprimem é bem preciso, assim como as palavras, e até mais do que elas.*[5]

O modo como um artista sente o que há de religioso em seu imo é determinado pelo karma e pela educação. Anton Bruckner (1824-1896) recebeu uma educação muito autoritária. Mais tarde, a igreja lhe inculcou um medo tenaz do pecado e da danação, que ele traduziu em suas grandes sinfonias: coros contrastam com gigantescos edifícios e violentas explosões sonoras, expressões de tensões acumuladas em seu ser. *Compor é uma confissão da alma,* dizia Tchaikowski. A respeito de sua motivação, Bruckner declara: *Se eu encontrar dificuldades diante do Juízo Final, direi a Deus que fiz tudo por ele.*

Joseph Haydn (1732-1809)

Encontramos a mesma atitude em Joseph Haydn, cuja música é, em grande parte, leve e alegre. Quando lhe perguntavam como ele conseguia escrever um número tão grande de obras, ele respondia: *Sim, vejam, eu me levanto cedinho e, logo que me visto, me ajoelho, rezo a Deus e à Santa Virgem para que tudo saia bem ainda hoje... E, se eu não conseguir, que reconheça que perdi a graça por um pecado qualquer e volto a rezar até que me sinta perdoado.*[6]

Mozart e a morte

A atitude de Mozart mostra que ele pensava de modo muito consciente e independente. Sua música o ocupava tão intensamente que ele só conseguia dormir algumas horas, geralmente. De acordo com suas próprias palavras, ele compunha *como um sonho belo e lúcido.* Quando ele jogava bilhar, por exemplo, ou conversava, ele sempre estava, consciente ou inconscientemente, combinando sons que ouvira interiormente. Sua música caracterizada por uma grande serenidade era muito natural. Compor, para ele, era tão fácil que ele também poderia interessar-se por questões como o destino da humanidade e os diversos aspectos da morte. Na qualidade de franco-maçon, as experiências místicas e os pensamentos sobre a morte lhe eram muito familiares. Na carta que escreveu pouco antes da morte de seu pai, sua visão da vida aparecia claramente:

Como a morte é o verdadeiro final de nossa vida, depois de alguns anos, fiquei de tal forma familiarizado com esta verdade, esta melhor amiga do homem, que sua imagem não só deixou de ser assustadora para mim, mas, ao contrário, é muito tranqüilizante e consoladora. E eu agradeço a meu Deus de me ter concedido a felicidade de me ter dado a ocasião de aprender a reconhecê-la como a chave de nossa verdadeira beatitude. Jamais me deitei sem pensar que no dia seguinte eu já poderia não existir (por mais jovem que eu fosse). E, no entanto, nenhumas das pessoas que me conhecem poderia dizer que sou



Brahms tocando a rapsódia em do menor (Willy von Beckerath, 1931).

melancólico ou triste em minha maneira de ser. Rendo graças a meu Criador por esta felicidade, e a desejo de todo o meu coração para meu próximo.[7]

A natureza "elétrica" de Beethoven

Beethoven é o continuador da arte de Mozart. Entretanto, ele era muito diferente de caráter, muito mais combativo e bastante complexo. *A maioria dos homens ficam emocionados com o bem. Entretanto não são os que têm a natureza de artista. Os artistas são cheios de fogo, não choram*, dizia ele diante de Bettina von Arnim. Foi ela que ligou Beethoven a Goethe, mas não esqueçamos que ela realmente embelezou um pouco e transformou suas palavras aqui e ali, com um pouco de romantismo. Portanto, não se pode saber ao certo se Beethoven realmente pronunciou estas palavras. Sua visão religiosa era individualista: *O céu estrelado sobre nós, a lei moral dentro de nós*. Sua frase: *Devemos pegar o destino pelo pescoço* corresponde bem a seu caráter. Seu pulso enérgico e seu orgulho estão sempre ressoando em sua música. Às vezes, ele ficava tão enlevado com a música que se esquecia totalmente do que se passava a seu redor. Acontecia de ele parar no meio da rua para anotar temas sem perceber que alguém o chacoalhava. Em uma de suas conversas com Betina von Arnim, ele disse: *Quando abro os olhos, suspiro, pois o que vejo vai contra minhas convicções religiosas e devo menosprezar o mundo que nem imagina que a música é uma manifestação superior a toda a sabedoria e a toda a filosofia. A música é o vinho que anima novas criações... Não tenho amigos, preciso viver só, e no entanto sei que, em minha arte, Deus está mais próximo de mim do que qualquer pessoa. Tenho intercâmbio com ele sem medo e já o reconheci e compreendi... Nós não sabemos o que nos dá este reconhecimento; o grão de trigo tem necessidade de um sol quente, úmido, elétrico, para ser ativo, pensar e expressar-se. A música é o sol elétrico em que o espírito vive, pensa e reflete. Toda esta eletricidade impulsiona o espírito para criações musicais fluidas e correntes como água. Eu tenho uma natureza elétrica.*[8]

De todas estas inúmeras vibrações e sonoridades que nos envolvem e nos penetram, o ser aural somente deixa passar o que está em harmonia com a natureza. Lá onde o artista aspira à harmonia e à beleza, seu ser aural somente deixa penetrar os sons e vibrações que sintonizem com isto. Se o artista deseja expressar caos e violências, seu ser aural fará entrar e manifestará caos e violência. É assim que atraímos e ordenamos as pedras de construção musicais. Alguns artistas atingem um grau de pureza tão alto que chegam a captar melodias que vêm de regiões situadas no limite entre os mundos mortais e imortais, e até os transmitem, transpondo-os de acordo com suas próprias faculdades. Algumas forças destas regiões limítrofes podem, desta forma, servir-se de um espírito receptivo. Estas composições podem despertar em quem as ouve o pressentimento da existência de uma natureza diferente da natureza terrestre. Se nos voltarmos para este mundo superior, é possível tirar de uma música como esta muita inspiração e consolo — e até mesmo ela pode fazer penetrar temporariamente nas esferas astrais superiores. Qualificamos esta música de "divina", mas ela não passa de uma representação humana do mundo no qual a personalidade é incapaz de entrar, e nada mais do que isto.

Brahms e a grande questão da fatalidade

Johannes Brahms conta para o jornalista americano Arthur M. Abell, em *Conversas com compositores célebres*, de onde ele tirava sua inspiração e

como esta experiência tinha um tom profundamente religioso. No início, ele havia recusado esta entrevista, mas acabou aceitando, colocando como condição que suas palavras deveriam ser publicadas cinqüenta anos depois de sua morte. Brahms era muito reservado e é sem exagero que ele diz: *Compreender, como Beethoven, que somos Um com o Criador é uma maravilhosa experiência, que exige respeito. Muito poucos chegam a esta compreensão, pois não há muitos grandes compositores ou espíritos criadores em todos os domínios da atividade humana. Penso sempre nisto antes de compor. É o primeiro passo. Se observo em mim um impulso, volto-me diretamente a meu Criador e lhe faço três perguntas que são as mais importantes em nossa vida neste mundo: De onde, por que e onde? Percebo, em seguida, vibrações que me inundam inteiramente. É o espírito que ilumina a força interior da alma. E é neste estado de transporte de Espírito que vejo muito claramente o que continua sombrio em meu estado de espírito normal; assim como Beethoven, sinto-me em estado de me deixar inspirar a partir do alto. Nestes momentos, tenho consciência do imenso significado da palavra suprema de Jesus: "O Pai e eu somos Um". Estas vibrações tomam a forma de imagens espirituais definidas, depois que formulei meu desejo e minha decisão que diziam respeito ao que eu queria fazer; ter a inspiração para compor qualquer coisa que seja um socorro e um consolo para a humanidade, algo de um valor durável. Então, as idéias se derramam sobre mim interiormente, vindo diretamente de Deus. Meu olho espiritual vê somente alguns temas, mas também a justa forma na qual eles fluem, a harmonia e a orquestração... Devo-me encontrar então em um estado de semitranse para obter resultados como este — um estado em que o pensamento consciente é livre e o subconsciente é quem reina. Pois, é através dele, como parte de todo o poder, que a inspiração encontra seu lugar. Entretanto, devo tomar cuidado para não perder a consciência, pois então as idéias desaparecem.*[9]

Brahms observa, entretanto, que tais momentos eram precedidos por um longo combate para encontrar a solução musical.

Impossibilidade de ultrapassar o limite

Estas citações mostram que os compositores citados colocaram suas vidas seriamente a serviço de um ideal; seja reagindo aos impulsos que vinham de um mundo superior, ou de seu próprio ser aural: não saberíamos julgar. Independentemente disto, é claro que as obras-primas da música clássica têm como padrão habitual os ideais de beleza que estão acontecendo no momento. Estes músicos não se desligam das normas de sua época, pois sua consciência está submetida aos modelos de irradiação que estavam reinando. A retomada ou a rejeição destas normas no século XX corresponde ao novo desenvolvimento espiritual em que a humanidade entrou há algumas décadas. Em conseqüência disto, muitos pensamentos e idéias bem estabelecidas parecem constrangedoras, opressoras, e sempre são abandonadas.

No final do século passado, a maioria dos compositores tinha uma clara concepção de sua tarefa enquanto músicos e estavam conscientes de suas limitações. Gabriel Fauré nos dá uma boa ilustração disto, quando diz: *Para mim, minha tarefa consiste em poder-me elevar o mais alto que posso do cotidiano*. Este posicionamento não é suficiente para a nova geração, que se esforça para ultrapassar todos os seus limites e para atingir novas dimensões que possam dar um novo alento à vida do artista. É uma reação lógica aos novos raios que estão atingindo a humanidade em seu caminho para uma nova evolução.

Por mais que um artista deixe de se encontrar conscientemente neste caminho, é difícil para ele escapar de suas antigas limitações. Muitos tentaram a experiência de querer impor uma nova arte.

Se antes era costume discutir a respeito das diferenças estilísticas e não sobre harmonia e divisão de compassos, hoje se questiona tudo. Cada compositor pode-se concentrar em sua própria idéia de arte e imaginar, por exemplo, um sistema atonal. Cada vez mais as pessoas estão questionando sobre o que deveria ser arte e assim está surgindo um conceito intelectual, filosófico e especulativo da música. Foi principalmente depois da Segunda Guerra Mundial que a vanguarda se voltou com desdém contra todas as convenções e hábitos ainda existentes. Chegou-se a absurdos como a "música concreta" , que qualifica de musicais os sons da vida cotidiana.

Quem gosta de música e não quer seguir estas tendências atuais, está ligado ao sistema tonal que vem do tempo em que os compositores ainda se baseavam em normas estéticas fundamentais.

O que as pessoas chamam de música moderna é difícil de ser assimilada. A preferência se volta cada vez mais para as composições do romantismo tardio e dos impressionistas. A chamada "música nova", que é o resultado de todo o tipo de experiências, interessa apenas a estrito de pessoas. o que se propõe omo "música clássica" quase sempre não passa de trechos tradicionais que deveriam estar em museus e que são repetidos insistentemente. Por outro lado, hoje é ícil de se ouvir algu- música que tenha o mo valor.



a segunda metade

Não podemos perder de vista que todo o compositor também é um representante da cultura à qual ele pertence. É o que explica porque alguns puderam dificilmente dominar a exuberância de suas composições, o que reforçou dentro deles a ilusão do eu. É preciso dizer também que a maior parte das obras musicais mais elevadas foram e são utilizadas para manter a ilusão do mundo dialético. O emprego que o nazismo fez da música de Wagner foi um dos maiores exemplos disto. No filme "Apocalipse Now", de Francis Ford Coppola, os helicópteros americanos que atacam estão equipados com grandes alto-falantes e, enquanto as metralhadoras e os fuzis cospem fogo, instrumentos de sopro tocam a "Cavalgada das Valquírias", extraída da ópera em que Wagner faz surgir os espíritos guerreiros germânicos.

Por música clássica, podemos compreender a música construída de modo equilibrado e lógico, e que expressa os mais altos valores da vida. Seu florescimento se situa entre 1780 e 1815, período em que viveram Haydn, Mozart e Beethoven. O desenvolvimento da música moderna começa depois da Segunda Guerra Mundial, com a música dodecafônica do compositor austríaco Arnold Schönberg (1874-1951), entre outros.



À esquerda: Anton Bruckner conversando com Richard Wagner (Desenho de O. Bühler, 1931). Acima: Franz Liszt visitando Wagner (Pintura de W. Beckmann, 1880).

do século passado que se desenvolveu o materialismo. A partir daí, a música começou a decair. E, primeiramente, onde ela tinha dado o tom: na Alemanha e na áustria. O grão-mestre Jan van Rijckenborgh escreveu a este respeito em seu livro Christianopolis:

Toda a música verdadeira nasce de uma consciência religiosa; e a alma popular alemã é, sem dúvida, religiosa. Quando a religião se mistura com a emoção e o materialismo, a ingenuidade e o egoísmo, surge uma música bastarda: uma onda de sonoridades tem conteúdo que só pode ensurdecer. E a Alemanha também produziu, em grande quantidade, este último tipo de música.

Wagner e a cultura da personalidade

No século XIX, a música seguiu duas direções: a nova tendência alemã, com Richard Wagner como exemplo típico, e a tendência clássica ou conservadora (Mendelssohn, Schumann e Brahms). A primeira tendência se esforçava para atingir uma nova forma, uma nova harmonia, uma nova instrumentação e novos efeitos. Ela produziu principalmente óperas com grande orquestra. Esta fórmula é imprópria para música de câmera.

Os conservadores continuaram com seus princípios clássicos e suas tradições, voltando-se para o passado e rejeitando toda e qualquer pesquisa de efeitos. Eles não viam nenhuma vantagem na evolução, que dava cada vez mais importância à orquestra e ao coro. Por ter um aspecto teatral e mágico, a nova música alemã prestou-se facilmente à propaganda fascista. Mas isto não quer dizer que todas as músicas de Wagner sejam negativas. Em “Parsifal”, por exemplo, surgem passagens prodigiosas e sublimes. Na biblioteca de Wagner e de muitos de seus contemporâneos figuravam as obras de Helena Petrovna Blavatski e de outros autores que deram à humanidade um novo impulso espiritual. Wagner transmitiu a muitos artistas as fontes de inspiração maiores. No fim do século XIX, com a evolução que levou a cultura da personalidade a seu limite máximo, Wagner

evolução que levou a cultura da personalidade a seu limite máximo, Wagner ocupou um papel preponderante.

MÚSICA: ESTIMULANTE DO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

Algumas composições de grandes músicos idealistas somente agem mais diretamente sobre o plano espiritual por meio do passado, mas elas ainda podem ter, indiretamente, uma influência importante. Esta é, realmente, uma das razões pelas quais a humanidade, que sempre está mudando tanto, também está, cada vez mais, se distanciando desta música. Entretanto, aqueles que reagem às vibrações elevadas presentes atualmente, conseguirão efetuar a reviravolta fundamental que é a base para um novo estado de vida. É assim que se torna possível tudo aquilo a que tanto aspiraram os seres espiritualmente sensíveis como também os grandes compositores. Franz Liszt deve ter tido a intuição a respeito disto. Sua virtuosidade atraiu inúmeras pessoas que amavam a música e ele foi louvado em todos os lugares por onde passou. Assim ele percebeu o perigo que poderia nascer se o eu ilusório fosse reforçado. Ele dizia que muitas pessoas tentavam *sufocá-lo com rosas*.

POEMA DE ALPHONSE DE LAMARTINE (1790-1869), EXTRAÍDO DE *Harmonias Poéticas e Religiosas,* sobre o qual Franz Liszt compôs *Bênção de Deus na Solidão:*

De onde vem, ó meu Deus,
esta paz que me inunda?
De onde vem esta fé que
agora invade meu coração?
A mim que, a todo o instante,
incerto, agitado,
E nas ondas da dúvida
balançado aos quatro ventos,
buscava o bem, o verdadeiro,
no sonho dos sábios,
e a paz nos corações ecoando
na tempestade?
Sobre minha fronte, mal
deslizaram alguns dias,
parece que um século e um
mundo passaram,
e que, separado deles por
um abismo imenso,
um novo homem em mim
renasce e começa.

Notas de (1) a (5) e de (8) a (10): *Musik und Erleuchtung* (Música e Iluminação), Ed. Max Heber, Munique, 1984. Notas (6) e (7): *História da Música*, J. Combarieu, Armand Colin, Paris, 1913.